

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e E. DE LIMA E SILVA

N.º 76

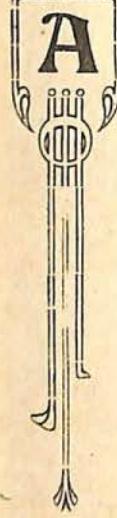
Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1919

Anno VII

Este numero sae augmentado de 8 paginas.

PARTE EDITORIAL

Fixação de forças e de meios para 1920.



Camara dos Srs. deputados de anno para anno vae discutindo melhor as questões militares e, si nessa discussão não consegue chegar a grandes resultados, obriga a uma reflexão mais demorada sobre os assumptos em debate e illumina o caminho que a alta administração deve trilhar.

Não seríamos perfeitamente justos si ao analysar diversas opiniões corajosamente enunciadas no seio da Camara, nos detivessemos esmiuçando questiúnculas de ordem technica, com o fito de provar que para resolvê-las é preciso mais que bom senso e patriotismo. Não se pôde exigir que os Srs. representantes conheçam por miudo todas as questões que se podem agitar no paiz; já é satisfactorio que sejam honrados, trabalhadores, sinceros, fazendo sentinelha aos altos interesses nacionaes e deixando as minúcias technicas para a responsabilidade dos profissionaes.

D'ahi os nossos aplausos a certas autorizações votadas pelo Congresso, deixando dest'arte ao Executivo a decretação das referidas minúcias e dos processos convenientes á evolução de problemas que o Legislativo julgou opportuno abordar.

Este procedimento evita que, por uma estranha sensibilidade no que concerne á justiça, por um desejo inopportuno de praticar o bem, por um sentimento exageradamente regionalista e pela necessidade de mostrar o tal prestigio quasi sempre ephemero e muitas vezes pernicioso, alguns legisladores se lancem na defesa de excepções, ás vezes bem subtils, formulando

artigos e paragraphos que se intrometem parasitariamente em leis bôas, desfigurando-as e perturbando a execução de prescripções regulamentares que, si não attendem a alguns interesses pessoaes de occasião, destinam-se a realisar grandes benefícios durante a vida de gerações inteiras.

Apezar dos progressos constatados, ainda se contam difficuldades que o Congresso poderia eliminar resolutamente, contribuindo para acelerar de muito o estabelecimento da desejada ordem administrativa.

Pairando na esphera superior da sua acção, os legisladores traçariam á orientação necessaria ás reformas e regulamentações autorisadas ou determinadas e, posteriormente, nellas só interviriam para responsabilisar as autoridades que, tolhendo direitos ou aspirações razoaveis, exorbitassem ou desvirtuassem os superiores intuiitos do Congresso.

Desde que este queira agir de parceria com os que devem ser responsabilisados, evidencian-do intuiitos de subordinar idéas fundamentaes aos interesses secundarios de individuos e regiões, lenta, muito lenta será a transformação de que tanto carecemos para apresentar esses trinta milhões de patricios como gente civilizada e capaz.

Muito desejariamos que desde já se trabalhasse para evitar que em dias diffíceis, bem admissíveis e até provaveis na nossa existencia, precisassemos ouvir palavras semelhantes ás que o grande patriota Cambon houve de pronunciar recentemente, nos dias tragicos da França:

Nos pouvoirs publics ont été coupables, mais si souvent changés qu'on ne saurait auxquels s'en prendre des fautes les plus énormes.

Ils en ont commis dans tous les domaines: politique, économique, social, militaire. Dans l'ordre politique, ils ont négligé les grandes questions pour les mesquines; dans l'ordre économique, ils ont bataillé sur la répartition, au gré de leurs passions, du capital national au lieu de travailler à l'accroître; dans l'ordre social, quelle amélioration hygiénique ou morale ont'ils

apportée à l'existence des travailleurs? Au point de vue militaire, rien de efficace n'a été accompli pour assurer notre sécurité. Finalement, nous n'avions progressé dans aucun sens et notre énergie était restée statique, tandis que celle des autres devenait puissamment dynamique.

Deve ser muito triste ouvir observações como estas, sentindo que elas representam fielmente a verdade!

* * *

A lei que fixa as forças de terra para 1920 e o orçamento da guerra despertaram observações e debates, nos quais as bôas idéias predominam francamente. E não é senão essa possibilidade apresentada, essa esperança ainda vaga, que nos impelle ao exame sumário das iniciativas que estão submettidas ao elevado critério do Congresso Nacional.

As prescrições relativas à fixação das forças merecem elogios e reparos. Elas despertaram na Câmara e em toda a imprensa o exame da duração do serviço militar e tudo nos leva a crer que, nesse particular, melhoraremos um pouco. A fixação permanente e uniforme de um anno para a duração do serviço militar em todas as armas e para todos os sorteados ou voluntários, quaisquer que sejam as condições da sua receptividade, não satisfaz; tira a colaboração intelligente que no caso só pôde dar o profissional e o responsável pela instrução e manutenção das unidades em estado de regular efficiencia, impede a utilização do numero indispensável de *soldados velhos* e o preenchimento conveniente dos quadros de sargentos e outros graduados, elementos vitaes para o serviço, e proscreve a idéa da preparação destes quadros para a reserva.

A fixação de um tempo médio maior para a duração do serviço, deixando ao governo a liberdade de estabelecer variantes, de tal forma que a duração do serviço também concorra como premio ao sentimento do dever e à capacidade que cada um revelar, é a solução que nos convém presentemente, enquanto não tivermos reservas e fôr indispensável corrigir o atraso militar em que nos lançaram períodos administrativos inteiramente dominados pelo sectarismo e pela politicagem.

No editorial do n. 66 de Março deste anno tivemos ensejo de nos manifestar a esse respeito, pensando encarar todos os aspectos respeitáveis do problema.

E' indispensável que se inicie a organização dos corpos sem efectivo, embora o façamos *por partes*, e, anda por 43.000 praças o mínimo indispensável para que isso se realize. Conviria examinar as vantagens resultantes desse

pequeno aumento e refreiar um pouco o desejo constante de fazer economias á custa dos elementos mais indispensáveis á segurança nacional.

Ao lado das bôas iniciativas, a lei que nos ocupa estabelece duas exceções que se não justificam e que, para a 3a discussão constituíram os artigos 10 e 13.

A 2a linha do Exercito é de toda conveniencia que um grande numero dos seus officiaes conheça os serviços do commando e das delegacias. Como força de reserva que é, ella não deve ter officiaes permanentemente designados para serviços de actividade, porque isso prejudica a outros que também precisam fazer seu estagio e porque, si essa solução satisfizesse, poder-se-ia ter resolvido o problema, com maior economia nomeando para os cargos respectivos officiaes reformados ou mesmo da activa do exercito permanente. E' de toda justiça fixar o tempo de comissão de cada oficial da 2a linha escolhido para prestar esses serviços que os mobilisam, e esse tempo ficaria muito bem limitado em 3 annos. A vitaliciedade proposta é incompativel com o que se tinha em vista fazer na 2a linha, transforma os officiaes nomeados em meros funcionários de uma nova burocracia militar em vez de proporcionar um tempo, a todos os distinguíveis, para cogitarem despreocupadamente da sua função militar.

Tambem não se explica a dispensa dos tres meses de praça aos reservistas de 2a categoria formados no Collegio Pedro II e seus equivalentes, para o ingresso na Escola Militar. Esse serviço de tres meses é indispensável para verificar se o candidato á E. M. tem qualidades que não podem ser reveladas nos exames de humanidades ou na encantadora disputa de uma caderneta de reservista de 2a categoria. Não estamos sob tão grande pressão de falta de officiaes que justifique recrutá-los á antiga, ou melhor, persistindo em erros reconhecidos e condenados.

A tolerancia e a bondade excessivas com que estão sendo tratados todos os candidatos que verificaram praça nos corpos designados, dando essa primeira prova de obediencia ao regulamento da E. M., não justificam a dispensa em projecto e, ao contrario, provam que essa dispensa é um mero capricho.

E' regular e justo que esses jovens que não precisam começar sua vida militar *cavando* exceções e também aquelles que não verificaram praça nos corpos designados, não sejam admitidos á matrícula em 1920.

Receberão assim a primeira e utilissima lição.

* * *

No orçamento da guerra para 1920 não é menos notável o progresso das idéas que vão orientando sua discussão.

Partindo de uma proposta que mais se approxima da verdade, a nossa lei de meios melhorou com as emendas recebidas e ainda se mantém isenta da ominosa cauda em que se costumam amparar os **orphãos de aspirações honestas**.

A rubrica 15 (material) foi calculada, para a occasião, com um cuidado digno de elogios. O interesse dos Srs. deputados, especialmente do Sr. Octavio Rocha, ainda melhorou as suas previsões e, com a patriotica autorisação lembrada pela Comissão de Finanças, soimos levados a acreditar que em 1920 o Exercito terá os recursos materiaes indispensaveis.

O facto de serem as emendas apresentadas, em sua maioria, referentes a **material**, aumenta a boa impressão causada pelo orçamento, lembra um criterio mais seguro do que o outr'ora preferido — desenvolvimento, discriminação e distribuição do pessoal, sem sahir de um aspecto theorico, sem o material correspondente para equilibrar esse progresso, levando-o ao razoavel objectivo de uma produção verdadeiramente económica.

Na contemplação das emendas sente-se constantemente o superior criterio de estabelecer a verdade, quer em relação ás modificações decorrentes da ultima remodelação decretada, quer em relação á previsão das necessidades do Exercito.

O aumento de 200:000\$ para a dotação material do Arsenal de Guerra de Porto Alegre, a melhoria da verba destinada ao serviço de identificação e o aumento dos recursos destinados ao bom funcionamento das escolas regimetaes constituem providencias de muito acerto.

A emenda n.º 29 estabelece uma excepção que pode ser muito justa, a impressão de um trabalho de geometria descriptiva, mas é uma excepção e tambem uma preferencia julgadá pela Camara. Apreciaríamos muitissimo que se aumentasse, não de 1:200\$, mas de 12:000\$, a verba do n.º 4, para o Estado Maior do Exercito continuar cumprindo a disposição do art.º 91 do decreto n.º 10.198 de 30 de Abril de 1913, devendo ser recolhido ao thesouro o saldo dessa quantia que não podesse ter o referido destino.

Parece-nos que nem sempre a Camara poderá estudar convenientemente trabalhos da natureza do que pretende dar á estampa o nosso digno camarada capitão Gouvêa e aceitar ou recusar opiniões a respeito, ao passo que achamos o Estado Maior em condições de agir com justiça, nesse como em outros casos. D'ahi a impugnação do precedente.

De pleno acordo com a commissão de finanças, não podemos applaudir o aumento de 660:000\$ para construções no Hospital Central; entendemos que esses mesmos 660:000\$ devem ser utilizados para melhorar os hospitaes e as enfermarias regionaes dos Estados, cuja miseria contrasta em muito com os recursos do nosso aparatoso Hospital Central. E' innegavelmente bello que tenhamos um hospital modelar, mas é muito melhor que se o conserve e aperfeiçoe gradativamente dentro dos seus recursos normaes e se procure repartir equitativamente com os 32.000 soldados que recrutamos ou com os 39.700 que recrutaremos, os cuidados medicos e os recursos de que podemos dispôr para assistil-os convenientemente. O Rio, normalmente, reterá a 5^a parte do effectivo do Exercito e todos sabemos que as nossas comunicações ainda não permitem que aqui se concentrem todos ou mesmo a maioria dos doentes do Exercito. Assim sendo, cumpre melhorar e ampliar o Hospital de Porto Alegre e crear outro que sirva vantajosamente ás forças de S. Catharina e Paraná e tenha, tanto quanto possivel, comunicações faciles com o Rio Grande do Sul.

A designação de 1.200:000\$ para a rubrica 14 (**obras militares**) é simplesmente irrisoria. Para evitar longos commentarios vamos transcrever o destino que lhe dá a proposta:

«Obras de fortificação e defesa do littoral e das fronteiras da Republica, continuação de obras indispensaveis, reparos, conservação e melhamento de quarteis e proprios sob a administração do Ministerio da Guerra, campos de instrução e linhas de tiro, custeio de linhas telegraphicais e telephonicas, e para completar as obras de defesa de Santos e de outros portos.»

Não exageraremos dizendo que essa importancia não attende siquer aos *concertos* de que estão carecendo os quarteis. O aumento de 2.000:000\$ nessa rubrica obedece a um justo criterio.

Neste assumpto pensamos que obras militares mantidas a migalhas ficam por preço fabuloso e não attingem ao fim almejado. Si para attender necessidades mais prementes, começarmos as composturas e construções pelo Sul, quando chegarmos ao Norte do paiz receberemos noticia de que estão novamente a exigir reparos os quarteis do Sul; si disseminarmos a verba para attendermos a todos, será muito peior, porque terminaremos muito poucos ou ficaremos sem quarteis que prestem.

A solução está em atacar as obras necessarias, usando os recursos que nos seriam dados em 10 annos, limitar a verba de obras ao indispensavel para auxiliar os cofres regimentaes na

conservação dos quarteis e installações, e impedir a execução das obras de adaptação em que os corpos vivem consumindo todos os recursos de que dispõem.

Assim teremos feito grande economia e teremos obras utilisaveis e promptas para 20 annos, pelo menos.

Si, entretanto, isso não fôr possivel, já será muito que se eleve para 3.200:000\$ a verba da 14a rubrica, pois essa importancia já permitte atacar o problema do aquartelamento em uma das nossas Regiões Militares e iniciar estudos sobre um dos portos militares que precisamos construir em collaboração com a Armada.

Quanto ás emendas ns. 11, 12, 15 e 18, que se referem a escassas dotações para construcção e concerto de quarteis em pontos préviamente determinados, não temos mais do que applaudir o luminoso parecer da Comissão de Finanças, como já o fizemos em relação ao Hospital Central. E' de suppôr que essas intromissões do Congresso em attribuições do Executivo, embora, como no caso, venham cercadas de caracteristicos insophismavelmente demonstrativos das sinceras e justas intenções dos autores das emendas, afastem o senso technico e a responsabilidade das autoridades competentes. Conviria augmentar a verba da rubrica 14a e sugerir as idéas da conveniencia de reformas ou construções, em accordo com as emendas.

A emenda n.º 27 tratando da ampliação do **regimen das massas**, constitue mais uma louvavel providencia da Camara. Este problema pede a attenção e serios esforços do Executivo.

Além da difficultade que para o interior do paiz já existe na resolução de todos os problemas que implicam o recebimento de contas no thesouro, e a grande diferença entre os preços de compra á vista e a prazo desconhecido, o regimen das massas é o da mais intelligente responsabilidade, é o que pôde realisar progressos notaveis e desenvolver iniciativas uteis. Não acreditamos que seja mais facil a fiscalisação dos dinheiros com os pagamentos feitos só no thesouro. Achamos que distribuindo as massas ella pôde ser feita com os mesmos documentos e com responsabilidade mais facil de apurar.

Sem medo de errar adiantamos que, com a applicação do regimen das massas adiantadas, mesmo no que diz respeito a material de construcção, as verbas votadas pelo Congresso podem ser consideradas com um augmento de 40%.

A 2a emenda da Comissão de Finanças é, a nosso vêr, de grande valor moral e politico. Ella representa a verdade orçamentaria e a coherencia da Camara. Diz ao povo o que elle vai realmente gastar com os seus soldados, harmonisa os recursos a elles destinados com os effectivos vota-

dos em lei especial e evita que se precise depois lançar mão de outras verbas para completar as importancias necessarias aos effectivos recrutados, o que, naturalmente, não se fará sem o sacrificio das acquisitions correspondentes á verba desfalcada.

A emenda n.º 5 da commissão crêa addidos militares ás legações do Paraguay e Uruguay. Seria muito justo que tambem o tivesse feito para as legações dos Estados Unidos, Alemania, Italia, Hespanha, Perú e Bolivia. Segundo recente publicação de um matutino carioca, a Argentina mantem 11 addidos militares, com vantagens reaes para o paiz.

E' bem apreciavel o concurso que prestam os addidos militares estudando cuidadosamente as organisações dos paizes em que são acreditados e lembrando ao seu tudo o que lhes pareça adoptavel. O augmento de despesa dahi resultante, para nós que não somos muito prodigos com os nossos addidos, seria fartamente compensado pela vantagem indicada e pelos conhecimentos especiaes que os officiaes adquirem quando designados para taes commissões.

A emenda n.º 6 da Comissão tambem merece elogios, tal a justiça e até *humanidade* em que se inspira.

Na sua justificação ha um periodo bem significativo: «**No antigo regimen gosavam os officiaes da facilidade ora pedida.**» Parece impossivel que a Republica tivesse abandonado a justa providencia óra em discussão, para adoptar o criterio de atirar os officiaes, logo apôs a sua reforma, nas mãos dos especuladores, deixando-os muitos mezes sem recursos, como si com a actividade militar tambem desapparecessem as necessidades mais elementares da vida. Essa situação actual é **cruel e immoral**. O remedio é simplicissimo, e isso torna mais cruel e mais immoral a sua não applicação.

A Comissão de Finanças julgou de bom alvitre manter a rubrica — Reorganisação do Exercito — e autorizar o emprego das quantias ouro e papel a ella destinadas em uma operação de credito para attender ás necessidades do Exercito. Com essa emenda a Comissão mostrou a sua resoluta intenção de facilitar os meios para que o Exercito seja dotado com o material necessário.

E' verdade que as necessidades todas do nosso mingoado e empobrecido Exercito não podem ser resolvidas com uma operação de credito que disponha, para o inicio dos seus serviços, de 4.000 contos ouro e 5.000 papel. E' justo porém, dizer-se que, si essa operação fôr feita em bôas condições e si a importancia não fôr desviada para fins diversos dos que a deter-

minarem, teremos uma somma bem importante para material, capaz de nos dar um impulso superior ao de oito annos de exercícios orçamentarios.

Esta emenda concentra as attenções e as esperanças do Exercito.

Todos sabemos e sentimos que si dispuzessemos de material em correspondencia com a organisação instituida, com os regulamentos vigentes e com as exigencias que o povo amanhã terá o direito de fazer, muito maior seria o progresso e a coragem dos que sonhavam com a preparação da nossa defesa, feita exclusivamente por nós mesmos.

Si um tal orçamento fôr aprovado, e si conseguirmos os effectivos necessarios, o anno de 1920 começará, para o Exercito, com bons augurios e, para o Brazil, com melhores probabilidades de paz.

E' bem para notar que consideramos bom augurio a possibilidade de um melhor desempenho das nossas funcções, a maior capacidade para o cumprimento dos nossos deveres, o que vale dizer, aumento de trabalho de cada um em campo mais adequado ao desenvolvimento da probidade profissional.

Consideramos bom augurio o melhor emprego dos sacrificios do povo e a possibilidade de melhor recompensa para elle, pois que da nossa efficiencia dependem os seus primaciaes direitos.

Consideramos bom augurio uma disseminação maior e melhor dos ensinamentos que devemos ministrar e uma distribuição melhor das responsabilidades — resultante da ordem e da oportunidade com que serão satisfeitas as necessidades do Exercito.

Com esses prognosticos aguardamos esperançosos os estudos finaes das leis de fixação de forças e de meios para 1920.

REMINISCENCIAS DE UM VELHO TURCO

A PRIMEIRA CONTINENCIA

Lembro-me bem.

Foi por uma dessas bellas manhãs de fins de Dezembro, fortemente azues, intensamente calidas, que, pela primeira vez, me dirigi á Praia Vermelha. Ia submeter-me a exame de admissão á matricula nessa eternamente legendaria Escola Militar.

Não podia absolutamente faltar a essa esmagadora prova eliminatoria, marcada para ás 11 horas da manhã; era a ultima chamada, a derradeira cartada lançada no panno verde do meu destino; primeiro passo ensaiado nessa carreira que me sorria através de magicas e promissoras esperanças.

Com a alma em alvoroço, trabalhada por sonhos d'ouro que a mocidade tão facilmente architecta e constróe, flocos de alvissima espuma que, á primeira desillusão, se liquefazem e se diluem, seguia eu, conturbado por emoções varias, passos tremulos, incertos, vacillantes, na rota cuja primeira curva mal e frouxamente se debuchava no seu incipiente graphico de marcha.

Dia rutilante de um sol vermelho de braza, reverberando intenso sobre as calçadas de espeças e largas lages de granito.

A cidade inteira movimentava-se na faina quotidiana de sua actividade febril e exhaustiva.

Os tilburys trotavam a passos regulares, medidos, isochronos sobre o petreo calcamento, cujos parallelipipedos escaldantes a uma temperatura de 40° centigrados, pareciam implorar a caridade de uma gota d'água.

Os bonds arrastavam-se penosamente sobre as nervuras dos trilhos d'água, molemente reclinados nos seus immoveis e impassiveis dormentes de madeira, sacolejando as velhas ferragens, avidas de graxa, sacudindo as campainhas metálicas presas aos peitoraes dos muares suarentos.

Os caraduras, velhas e desconjunctadas carcassas das afamadas *gondulas*, encanto e orgulho das gerações passadas, aos saltos, aos solavancos, numa concurrence irritante, ladeando impertinentemente os ferro-carris, ora se baloiçavam como barcos açoitados pelos vendavaes, ora escorregavam suavemente em trilhos alheios, perturbando a marcha regular dos bonds, presos, sujeitos a um horario apertado, rígido.

Apesar de tudo, o *caradura* era o mais economico e democratico dos vehiculos que da cidade demandavam o aristocratico bairro de Botafogo, carruagem de luxo do estudante sem mesada, do operario sem serviço, do caixeiro sem gorjeta. E por entre homens em mangas de camisa, resudando a suor azedo e mulheres amarfanhadas, descalças, em desalinho; por entre os cestos de verdura e trouxas de roupa suja ou limpa, numa promiscuidade absurda, tomou assento.

E aos solavancos, aos trancos, moidos os ossos, revolvidas as visceras, saturado de obscenidades e palavras soezes, trocadas entre os cocheiros que se degladiavam na primazia da passagem; envolto em fumaradas nauseantes de não menos nauseantes cachimbos de barro preto, numa atmosphera de bafio e de vapores avinhados, atravessei ufano, como se me achasse docemente mergulhado na mais commoda e confortavel carruagem desse tempo, atravessei o elegante bairro do Cattete, onde o palacete irregular e um tanto arqueado do Bahia, transformado em secretaria de Estado, olhava de soslaio para a meiga e alva ermida da Gloria, saudoso, talvez, das bellas festas de outr'ora, em que o rapsario subindo e descendo a ingreme encosta do outeiro, se deliciava, á noite, aos explendores dos cambiantes fogos de artificios, entre cortados pelas chorosas polkas e mazurkas, tangidas pela banda de musica dos permanentes ou peia «Flor da Glória», em constante desafio, que a garotada applaudia, a sabor dos partidos que ocasionalmente se formavam.

E em coretos ou pavilhões de cōres berrantes, pontilados de copinhos multicōres, de aranellas e lustres a stearina, as bandas redobravam.

vam os remelexos das polkas, á proporção que os aplausos subiam effervescentes, calorosos ao tablado. Em quanto isso, os classicos castellos de sarrafos e pannos sarapintados convergiam os fogos de seus canhões sobre os impassiveis navios de papelão num intenso combate de bombas e pistolões pyrotechnicos. Galguei o caminho novo de Botafogo que começava a rendilhar de novas e architectonicas edificações em franco contraste com a fachada severa, pesada, carranca do velho solar do Visconde de Silva, que se colchetava em remate com a praia de Botafogo.

Nella desemboquei, enfim...

Longa e estreita faixa de terra essa praia que se estendia das fraldas do morro da Viuva ás do Pasmado em graciosa e caprichosa curva, bordada de um lado de um renque de casas em que o estylo *chalet* principiava a predominar mas que o progresso as foi transformando em bellos e magestosos palacetes e em ricos solares de ricos argentarios; apertada, comprimida, estrangulada de outro, por um velho cães córrido, interrompido de espaço a espaço por aberturas em rampa descendo ao mar, bordado de kiosques que o *Laranjeira* ia plantando, como sentinellas avançadas, em frente a embocadura das ruas perpendiculares á praia.

Entre elles, o mais frequentado era o que enfrentava com a dos Voluntarios da Patria, onde á noite, de regresso ás recitas memoraveis do velho *Lyrico*, em que o *Tamagno*, a *Borghiniano* e a *Schaltki Lotti* deliciavam a platéa, os alumnos saboreavam o café comprido a dous vintens a caneca, reforçado por um pão de igual preço, abarrotado de manteiga ingleza. Mas ao chegar á rua de S. Clemente, o lado direito da praia como que se encurva formando um largo reentrante, onde diariamente assistia um improvisado mercado de verduras, de mistura com os tilburys e as carroças que ahi faziam ponto, aguardando a freguezia.

E para manter a ordem não só do aristocratico bairro como entre verdureiros, mascates, peixeiros, cocheiros, vendedores ambulantes e freguezes, bem ao lado, se erguia um velho, sujo e acachapado sobradinho, em cujo pavimento superior se abrigava a delegacia policial e no rez do chão, nos quartos baixos, se aquartelava um destacamento de permanentes, tendo á entrada constantemente postada uma sentinella de *Minie* a ombro.

Nesse reentrante simulacro de largo ou praça, fazia tambem o ponto o *caradura* que, apôs prévia estação, se alongava até o Largo dos Leões por S. Clemente afóra.

Fui obrigado a abandonar a minha luxuosa carroagem e palmilhar a pé o pequeno trecho entre S. Clemente e Passagem.

Ahi chegado, então ponto terminal dos bondes de Botafogo, deparei com um grupo alacre de rapazes que, apressados, se dirigiam resolutos pela rua da Passagem acima.

Para alcançar a Escola dous caminhos se me deparavam: ou seguir pela rua da Passagem, sempre ladeada de palmeiras altas, esguias, tristes como cyprestes, volver á esquerda pela tétrica e soturna rua do Hospicio Pedro II; ou enveredar em frente, costear a curva em que termina a praia e seguir pelo caminho da pedreira até entestar com a rua do Hospicio.

O primeiro era mais longo, porém, preferi-

vel pela sombra que então proporcionava; o segundo mais curto, tendo o inconveniente de ser nesse momento cruelmente batido pelos raios solares, reverberando intenso no caminho pedregoso, recamado de cascalhos, blocos de granito e moinha de pedra.

Tomei por esse ultimo, que me fôra insistentemente aconselhado.

Quem, nessa época, não percorreu a taes horas, sob uma temperatura de fogo e envolto em pó, esse estreito, longo e sinuoso desfiladeiro não pôde formar nítida idéa do sacrificio a que me expuz.

Blocos de pedra de grandeza e fórmia variadas jaziam disseminados por toda a parte; canteiros abrigados em toscos galpões cobertos de telha ou em toldos de lona, ou mesmo resguardados por um grande chapéu de palha, trabalhavam nas pedras, recortando-as, chanfrando-as, biselando-as, polindo-as, bordando-as, burilando-as, enfim.

Ao som do malho batendo rijo, em cheio, no granito em bruto se casam as lugubres melopeas dos canteiros, tristes cantares nostalgiacos da patria distante.

Mais adiante homens de musculos desenvolvidos, retezados, espadaúdos, fortes, empurram, arrastam grandes massas de pedra assentadas em enormes rolos de madeira, applicando sobre elles fortes alavancas d'áço.

Acima, no alto da pedreira, cavouqueiros batem, cortam, perfuram canal na dura estructura do granito para depois encher o de explosivo na mascula operação da desagregação das moleculas.

De subito, um grito estridente repercute por toda a pedreira; correm aligeros, apressados os homens, abandonando os seus improvisados abrigos. Do alto, os cavouqueiros avisam os incertos transeuntes que se detenham e se acauitem. O canal está profundamente aberto, a carga de polvora bem socada e comprimida, bojando á superficie, o cartucho de dynamite acamado, a mécha introduzida; só falta deitar-lhe fogo.

— *Lá vae fogo!* psalmodiam o capataz e o mestre.

— *Lá vae fogo!* repetem os cavouqueiros em rouca e lugubre litania que retumba por toda a amplidão.

E, erguendo os braços, correm todos em busca de seus abrigos.

Um estampido enorme ecôa, resôa, retumba como se um raio estalasse em cheio na espessa floresta virgem derrubando arvores seculares; mais outro, ainda outro se sucedem com intensidades decrescentes.

Nuvens de pó erguem-se para o alto em doidos panejamentos; volteam, circulam, redomoinham, tudo envolvendo; blocos de granito deslisam, escorregam, caem pela encosta abaixo num fragor tremendo como se a terra se rasgassem, em cujo rasgão se precipitassem as montanhas em derrubada, os edificios em escombros.

Proximo a *City Improvements*, o caminho da pedreira se estreita de tal modo num apertado e tortuoso cotovelo, que se não distingue quem vem de Botafogo nem se deslumbram quem se approxima em direcção opposta. E' deserto e soturno; faz medo passar ahi ás horas mortas da noite.

Foi precisamente nesse local entre os enor-

mes blocos de granito e o muro de pedras rusticas da *City*, numa apertura de menos de meio metro de via, que annos depois, através de uma noite trevosa e de procella, se perpetrou o tragico assassinato do tenente *Lucas de Souza*.

E assim atravessei, em horas de sol alto, quasi a pino, numa temperatura de fogo, offegante, suarento, essa garganta de blocos de granito.

Vencido esse cotovello, o caminho vae-se alargando, distendendo-se para de novo apertar-se, restringir-se á medida que se approxima da rua do Hospicio de Pedro II.

Algumas casas ahí se ostentam entre as quaes se destacam o consulado peruano e o solar de *Victor Resse*, em cujo gramado de esmeralda as rosas rubras confundem, caldeam os seus perfumes com as angelicas alvas de neve.

E bem no angulo formado pela rua do Hospicio e o remate final do caminho da pedreira, em arestas bem vivas, um gradil de ferro sobre baldrame de alvenaria de tijolos cingia, circumscrevia, uma especie de *terrasse*, onde mesas toscas e bancos tambem toscos convidavam á gulodice.

Era o *Bodegão*, velho e anti-diluviano restaurante de tão gratas recordações á mocidade de meu tempo.

Do lado opposto, um mal conservado muro, paredão em ruinas, servia de cães, intercepcionando a praia.

Estuguei o passo, palmilhando soffrego a larga calçada de granito do Hospicio de Pedro II, de cujo interior partiam gritos estridentes, risadas convulsas, vosear confuso, desconexo, intercortado pelos *psios-psios* dos loucos que, por entre as grades das janellas, pediam cigarros, suplilicavam nickeis.

A algumas dezenas de metros da lendaria rua do *Lá vem um*, quasi ao entestar com uma grande casa baixa de janellas corridas, transformada em fabrica de papeis pintados, mas que, annos depois, um voraz incendio a reduziu a cinzas, e cujas ruinas passaram á posteridade sob a exdruxula denominação de *casa da aréa*, senti que me seguiam.

Detive-me. Reconhei então o bando alacre de rapazes que encontrára á esquina da rua da Passagem.

Levavam todos a mesma directriz, impellidos pelo mesmo destino; iam, como eu, submeterse á classica prova eliminatoria da admissão, o terror cavo do caloiro, não pelo exame em si, mas pelos *trotos* que o precediam, pelas *amaveis manifestações* com que os veteranos o bordavam.

Incorporamo-nos todos num só bloco como se uma amizade antiga ha muito nos unisse. E em franca camaradagem, trocando idéas, permudando emoções, embalando os mesmos sonhos, aspirando analogas esperanças, aturdidas ambições, caminhavamois avante.

E quando hoje, volvidos tantos decennios, rebusco na retina enfraquecida pelo tempo, os nomes desses companheiros, só vislumbro ruínas sobre ruínas, esperanças mortas, illusões desfeitas.

A morte ceifou alguns logo ao alvorecer da carreira, a outros em meio da jornada.

Aos dous unicos sobreviventes envelheceu-os ambos; a um brindou com o calix doirado de uma rapida e brilhante carreira; a outro, ensoiou-lhe os labios com o fél das mais cruéis

decepções, fazendo-o galgar os postos á custa do viver, abrindo franca bancarrota no acervo de seus sonhos.

Após a vetusta fabrica de papel, o terreno como que se distende, se dilata de novo até a encosta da *Babylonie* de um lado e o mar de outro, tendo ao centro uma estreita nesga de terra pavimentada a matacões de pedra solta, cujas aréstas agudas eram a ruina das botinas e a alegria dos sapateiros.

A' direita, o terreno é coberto de pitangueiras e cajeiros a trepar pela *Babylonie* acima, cujos fructos, nessa época, ostentavam a sua polpa carnuda, rubra de sangue oxygenado ou amarelo de topazio; mais adiante, quasi á beira da estrada, se desenvolvia uma casario baixo, de janellas acanhadas e soterradas, quasi ao rez do chão (onde a historia e a legenda situaram, fixaram o quartel general de *Estacio de Sá*), ocupado por funcionarios civis da Escola; entre elles, o velho e popular *José Rufino*, tão saturado de physica e chimica e sobre cujos oculos pretos macabramente valsavam os rabecões do calculo integral e polkavam os *dx* e *dy* do calculo diferencial, e em cujo lenço escarlate de alcobaça, sempre sorrindo do bolso trazeiro de seu venerável fraque, se acamavam os pingos de rappé *Paulo Cordeiro*, impregnado de vapores de acido sulphydrico desprendidos das retortas experimentaes do neophyto preparador.

Bem em frente, duas seculares mangueiras de vasta e copada ramaria ensombравam a magestade archaica do vetusto solar do rebento dos Sás.

Como que assignalando o quartel general dos marinheiros, abrigado na soturna e infecta cavallaria da historica vivenda, uma arvore esguia, alta, de caule desenvolvido, dominava o scenario. Era o *pão grande*, especie de marco millenario, atestando uma grandeza que se fóra.

Aos fundos da casa de *José Rufino* corria um improvisado aqueducto, todo construido de pedras soltas e de tijolos empilhados em equilibrio instavel, rematado em cimalha por telhas convexas, servindo de calha receptora das aguas despejadas da *Babylonie*, por cujo centro escorria intermitentemente um filete d'agua fria e cristallina, que, ás grandes chuvas, augmentava, bojava de volume.

Era a *bica do José Rufino*, que tão celebre se ia tornar na chronica escolar, por um comic duello que a troça academica, entre apupos berrantes, transmudou em grotesca farça.

A' esquerda, beirando o mar, alguns galpões de madeira, onde religiosamente ao entardecer se recolhiam os escaleres e a nautica impedimenta dos marinheiros.

A' esquerda, como que, a rendilhando, rematando, uma casa baixa se articulava em angulo recto; mais adiante, um sobradinho esguio, amarelo de óca, petulante, se ostentava orgulhoso por entre o renque de casinhas baias e empobrecidas.

No mar, a velha e historica *capichana*, vetusto escaler de seis remos com antiquada cobertura de lona, pintada a verde escuro, cuja principal missão era conduzir os alumnos refractarios á disciplina á Fortaleza de Santa Cruz e reconduzil-os ao aprisco, após a pena cumprida; ao lado, a bojuda *barraca de natação* ba-

loçando-se ás ondas, presas ambas ás suas respectivas boias.

A tudo isto se chamava emphaticamente o *porto*: ahi atracavam todas as embarcações a remo.

Acostada á fralda da Urca, uma serie de casebres, prosaica residencia da maruja, dos serventes e da soldadesca, se desenvolvia em curva, interrompida apenas por duas casas solarengas, das quaes uma servia de residencia ao porteiro e a outra, mais confortavel, era habitada por um velho major, prussiano de origem, sempre ás voltas com as vigotas e os pranchões de sua ponte militar.

Ao fundo, emoldurando o quadro, entre a Babylonia e a Urca, fechando a larga abertura, enclausurando o mar, occultando avaramente a fortificação, um vasto edificio, caiado a óca, soergua-se solemne e altivo.

Ammarrado aos flancos por dous revelins chumbados ás fraldas das duas montanhas por duas cortinas (faces lateraes do edificio), as quaes, por sua vez, se conjugavam ao centro por meio da bojuda luneta, que formava por assim dizer o corpo principal; tal era o aspecto exterior da tradicional Escola Militar da Praia Vermelha.

Só muito mais tarde lhe addicionaram, bem ao centro, na parte interna, uma torre circular inesthetica, onde um relogio de duplo mostrador dormitava ás moscas e cujos ponteiros, eternamente immobilizados, photographavam a indolencia, a inercia de nossa administração economisando migalhas, no eterno horror da responsabilidade.

A medida que della me approximava meu espirito se conturbava; todo meu ser se agitava em emoções tão varias, tão estranhas que mesmo hoje, decorridos muitos decennios, mal as posso discernir.

Recordo-me apenas que passei por todas as crispações, percorri toda a gamma do medo: meu coração accelerára os seus batimentos, todo meu sangue como que ascendera, affluira ao cérebro deixando cair sobre o rosto uma pallidez de cera; meu peito arfára como arfa, arqueja um cão ao gozar das delícias do sol, após longos dias de tristonha chuvada.

E quando á entrada, junto á sentinella, lobriguei enxames de veteranos, apercebidos ao longe pela massa dos uniformes pardos em que o azul dos canhões das mangas e da gola das blusas pardas se destacavam em longas faixas distendidas, os meus labios resequiram-se, resabando o fél, os meus cabellos amarfanharam-se, eriçaram-se, esbatendo-se de encontro ás abas do meu velho e surrado chapéu de palha.

— *Oh! seu bicho* — disse-me um *illustre veterano* (os veteranos exigiam sempre o tratamento de *illustre*), em largo cumprimento, tomando-me pelo braço.

Uma sensação de frio perpassou-me por todo o corpo, gotas de suor perlaram-me pelo peito e pelas pernas; a vista se me turvou...

— *Então, seu bicho, você pensa que isto aqui é uma cocheira; entra-se de chapéu na cabeça sem pedir licença?*

— *Descubra-se*, ordenou-me em voz imperiosa, arrogante, um outro.

— *Seu bicho, você tem o desaforo de querer ser meu collega?* indagou, inquiriu um outro que surgia não sei donde.

Incapaz de vêr, julgar, raciocinar deixei-me levar, arrastar como uma rez que se conduz, se arrasta ao matadouro.

Transpuz o largo e baixo portão de pedra rasgado na aboboda da luneta central, que servia de entrada principal ao edificio; achei-me num vasto corredor branco de cal fresca, todo em arcadas, semelhante ao claustro de um bem cuidado mosteiro, olhando para um amplio pateo de fórmula rectangular, tapizado de vegetação rasteira, cortado nas diagonaes por caminhos ou atalhos de terra batida, seccionados ao centro, em sua maior largura, por uma rua empedrada que ia da entrada principal a uma rampa de fraca declividade dando accésso ás fortificações, ao *baluarte*, como então se dizia.

Era assim dividido em tres caminhos ou *estradas* permittindo sobre elles livre e facil transito. E nos largos triangulos por esses cõrtes formados, a *vassourinha* e a *gramma* crescam desapiedadamente.

De vez em quando as foices e as enxadas de uma retardada fachina punham embargos a esse crescimento.

Ladeando, bordando as faces do rectangulo, magestosos *flamboyants*, em plena exuberancia de sua rica florescencia, ostentavam galhardamente as suas umbellas de flôres escarlates.

No fundo, bem ao fundo, encostados á muralha, dous *puxados* de tijolos cobertos a telhas convexas, corriam á direita e á esquerda, apartados ambos pela rampa de accésso ao baluarte.

A esquerda, estendia-se um outro edificio branco de cal, em remate, em angulo recto ao corpo principal, formando um todo harmonico, um bloco unico, em que presidia o mesmo estylo de arcadas claustraes; á direita, após uma ligeira solução de continuidade, um edificio de sobrado de aspecto sombrio, soturno, caiado a óca, se destacava, servindo de assistencia á administração da Escola.

Nesse tempo ainda se não cogitava de pespergar-lhe aquelle horrendo appendice, que passou á chronica escolar sob o nome de *exponte*.

Por toda a parte grupos de veteranos, em alacre troça, em picantes remoques, rodeavam em circulo os pobres *bichos*, que vinham chegando, isolados uns; em pequenos magotes, outros.

Nas barras e paralelas, nos trapezios do alto apparelho de *gymnastica*, já um tanto damnicado pelo tempo, equilibravam-se alguns alumnos, enquanto outros, debruçados nos peitoris das baixas janellas da casa da ordem e da pharmacia se entretiam em amavel palestra, inteiramente indiferentes, alheios á sorte dos *bichos*.

Por uma estreita escada de madeira de duplo lance, galguei ou antes me fizeram galgar o vetusto edificio da administração, resudando á humidade, trescalando a mofo.

E, aos cascudos, aos soccos, aos empurroes, ás pilherias innocentes umas, pesadas outras, me achei no interior de uma espaçosa mas baixa sala, cujas janellas francamente abertas davam para as encostas da Babylonia, por onde impunemente dardejavam os raios ardentes de um sol de braza de Dezembro.

Toda pontilhada de pequenas mesas de pinho, pintadas a fingimento de madeira, tendo numa das faces lateraes um disco branco, em cujo centro cabriolavam uns algarismos pretos, assinalando uma ordem que só se assentavam bem em plena desordem.

Cada mesinha dispunha de um pequeno banco de madeira, tendo alguns como assento um pedaço de couro parcamente crivado de orifícios permittindo a livre circulação do ar.

Um pequeno corredor ao centro dava passagem a um homem, separando á direita e á esquerda essas duas alas de mesas.

Sobre elas dormitavam uma meia folha de papel almasso, um pedaço de matta borrão vermelho, já servido, e uma caneta de pão, em cuja extremidade superior tremeluzia uma insolente pena *Mallat* de pontas aguçadas.

Nun recanto, quasi escondido, se acamava num orifício, adrede preparado, um pequeno deodal de vidro transbordando a tinta preta Sardinha.

No fundo, uma grande mesa, onde assistia a comissão examinadora, docemente repoltrada em comodas cadeiras de braço com encosto e assento de palhinha.

Dous militares e um civil a constituiam; ao centro, um major de farto cavaignac ruivo, metido numa comprida blusa de brim pardo com botões pardos de osso caida até á altura dos joelhos e amarrada á cintura por uma velha banda de sêda escarlate rematada em borla, cujos cachos doirados supplicavam a esmola de um consumo; á direita, um capitão, calvo, de ventre saliente, cuja fardeta preta e curta e gasta pelo uso como que indicava pertencer á arma de artilharia, pois, a gola andava viuva de uma das suas granadas e a sobrevivente, coitada! deixava vêr a penuria de suas chamas de prata velha; á esquerda, um civil baixo, adiposo, moreno, de suissas pouco fartas, fala arrastada e sybillante, cujas phrases, palavras e syllabas se escoavam dos labios como um filete d'água caindo sobre um tanque, tendo sempre imperturbavelmente, sem sorrir, um caso chistoso a narrar a propósito de tudo. Invariavelmente empertigado num fraque preto de alpaca, impecavelmente remoçado a negrita.

Um bedel de olhos doces e meigos contrastando com seu pigmento pardo-escuro, caminhando a passos cadenciados, tardos, trazendo suspenso como um pendulo uma chronica hydroceles; de voz adocicada e feição bondosa, já affeito a essas scenas, que os annos isochronamente reproduziam, ia pausada e gravemente procedendo a chamada.

Terminada a enfadonha litania de nomes arrevesados, começou a distribuição de uma folha de papel almasso, rubricada pela comissão.

De subito, uma voz se fez ouvir. Era o major presidente que assim se exprimia em termos claros, breves e energicos:

— Os senhores escrevam, bem legivel no alto da folha de papel rubricada, o nome e a data. Em seguida o trecho em portuguez que vae ser ditado pelo Sr. dr. X., e abaixo a questão de arithmetica que o Sr. dr. Y. dirá.

E acrescentou:

— A meia folha de papel que está em cima da mesa é para os calculos, a qual deve ser annexada á folha limpa para que a comissão possa verificar a exactidão desses calculos ou se houve intervenção de algum espirito santo de orelha.

A essa piada, os illustres veteranos que se premiam, se acotovelavam nas portas, sorriam-se gostosa e beaticamente.

O capitão de fardeta curta e surrada ergueu-

se, e aprumando o pince-nez de aro d'ouro, com voz um tanto afrancezada, carregando nos rr e sibilando os ss, leu um curto trecho da *>Selecta*, exhumando um dos sediços sermões do padre *Antonio Vieira*.

As pennas d'aço dos caloiros, dos *immumdos bichos*, na conhecida tecnologia veterana, corriam tremulas, nervosas, manchando de riscos pretos a immaculada alvura do papel almasso.

Concluido o dictado, o nedio professor de fraque de alpaca preta, empunhando um pedaço de giz branco traçou vagarosamente no quadro preto uma conta de dividir, cujo dividendo continha 15 algarismos, entre os quaes macabramente bailavam 6 zeros, e cujo divisor não excedia de 5 algarismos, sem o tetrico phantasma dos zeros.

— Os senhores, disse elle, em voz accentuada-mente anazalada, copiem exactamente o que está na pedra. Façam os calculos bem claros, sem borrhões, nem rasuras, inclusive a prova real e o dos nove.

E, sentando-se, abriu a todo comprimento a primeira folha da *Gazeta de Notícias* e senten-ciosamente rematou a sua breve arenga:

— Os senhores têm 20 minutos improroga-veis para concluir a prova.

E o major presidente, cofiando deliciosa e carinhosamente o seu farto cavaignac ruivo, ho-mologou a sentença, repetindo:

— Têm 20 minutos.

E virou sobre a mesa a ampla ampulhetá de vidro, cujos grãos de areia começaram a es-coar-se lentamente no estreito orifício de seu ponto inicial de marcha.

Um sussurro ou antes um murmurio doce como o da agua corrente cantando nos lagos, perpassou por toda a sala.

As pennas *Mallat* deslisavam aligeras, como um bando alado de aves brancas sobre a folha tambem branca de papel almasso, de cujos bi-cos começaram a saltitar os algarismos em ver-tiginosos vôos.

De quando em vez, o silencio profundo da sala era perturbado pelo ruido da queda de uma bolota de papel lançada pelos veteranos na ingrata preocupação de perturbar a ope-ração arithmetica, a que os *bichos* pressurosamente se entregavam.

Outras vezes, ouviam-se piadas como estas:

— Aquelle bicho de nariz comprido e orelhas caídas está collando, seu major.

— Seu bicho! escreva.

— Coitado! como aquelle está caindo n'água.

— Que cynico! está fingindo que pensa, olhan-do para o tecto.

— Acabou seu bicho? que damnado!

Era um pobre bicho que teve a ousadia, o descaramento (na lingua dos illustres veteranos) de entregar sua prova antes de concluidos os 20 minutos prefixados.

E logo após outros, mais outros lhe seguiram o exemplo.

— Está esgotado o tempo. Entreguem as provas, sentenciou o major de longa blusa parada a cair pelos joelhos como um irmão da Misericordia.

Dentro em pouco a sala estava vasia. Fecharam-se as portas.

E os *bichos* promiscuamente com os veteranos se apertavam nos estreitos corredores a espera do resultado.

O velho porteiro, com uma paciencia evan-

gelica, copiando o seu curto e mal cuidado caignac preto, olhava de soslaio através dos vidros de seu pince-nez, equilibrado no alto do seu nariz aquilino, para esses *bichos*, futuros *illustres senhores veteranos*, com a apathica indifferença de um velho musulmano.

A's vezes, seu *facie* trahia-se pela travessura de um sorriso agonisando na commissura dos labios. Mas esse movimento era tão rapido que mal se lhe apercebía.

Após minutos de ancedade que pareciam séculos, uma das portas rangiu sobre as dobradiças, e no limiar surgiu, como um espectro, a figura bonissima do bedel de pigmento mal definido, entre o negro de ebano e o cinzento de terra sena.

Cavalgando sobre o seu nariz um tanto achatado o seu pince-nez de baixo preço, começa a lêr, ou antes a soletrar os nomes:

- Fulano de tal, habilitado.
- Beltrano de tal, habilitado.
- Cicrano de tal, habilitado.

E assim gaguejando, estropeando, adivinhando os nomes escriptos numa graphia irregular e confusa vai morosamente esgotando a lista.

E fazendo uma pequena pausa, deixando cair o pince-nez preso a um soutache preto, já cinzentado pelo uso, esboçando um pallido sorriso, conclue:

— *Os demais, inhabilitados.*

Alguns *oh! oh! oh!* e *ah! ah! ah!* pontilharam o final do pregão.

Dos 42 candidatos submettidos a exame de admissão nesse dia, 24 apenas lograram ser habilitados, isto é, pouco mais da metade da turma.

E os *veteranos* arrastando os *bichos* pelas salas e corredores, os levaram de vencida pelas escadas abaixo em doido tropel.

— *Seu bicho*, indagou-me um veterano que, por um dos rasgões de blusa claramente se via o peito nu, viu de sua camisa, *seu bicho, você foi habilitado ou inhabilitado?*

— *Habilitado*, tartamudie eu, ainda colhido pela emoção do resultado.

— *Então, redarguiu* elle, applicando-me umas amplas *ventosas* pelo pescoço, *você tem a audacia de querer ser meu collega, seu immundo?*

Pelo campo afóra, pelos corredores, pelas aradas, os caloiros eram conduzidos pelos veteranos uns em direcção aos alojamentos, outros ao baluarte, e um pequeno numero se dirigia ao portão principal.

— *Deixa em paz este miseravel animal que foi inhabilitado; o logar delle é nos varaes de uma carroça*, falou um veterano, dirigindo-se a um outro, que buscava á força leval-o ao alojamento para submettel-o a um *suador* de seis *colchões* em pleno Dezembro! pelo simples facto de aspirar a *insigne honra* de ser seu collega.

Não sei como explicar o facto de achar-me illeso, fóra do portão, livre do *suador*, dos cachações, dos ventosas, dos piparotes e dos cartuchos de areá; não sei se me deparei envolto, mergulhado numa das turmas dos *inabilitados*, e portanto, considerado como *indesejavel, indigno de merecer taeas honrarias, ou se algum veterano, por uma requintada generosidade amavelmente me apontou o portão, livrando-se assim de um hospede importuno.*

Não sei, não me recordo. Mas, o que é certo,

é que me encontrei com alguns collegas em plena estrada, respirando a largos haustos a minha liberdade recuperada.

De quando em vez me chegavam aos ouvidos uns insistentes e largos *psios, psios*, que os *illustres senhores veteranos* debruçados sobre o pitoril das janellas e dos mezzaninos engradados se dignavam honrar-me como os ultimos échos de uma calorosa manifestação de apreço.

Num dado momento, tive a ingenuidade de olhar para traz; então diversos braços se agitaram num largo gesto de largos adeuses de mão fechada.

E essas dezenas de braços erguidos para o alto, de punhos cerrados, foi a *primeira continencia* que recebi ao ensaiar os primeiros passos da minha carreira militar.

Coronel Lobo Viana.

Bento Manoel Ribeiro

Conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo pelo tenente coronel Pedro Dias de Campos.

(Continuação)

Bento Manoel teve effectivado o seu posto de coronel, por decreto de 9 de maio de 1826, sendo em seguida designado para commandar a brigada de cavalaria que, no Rincon Catalan, tinha a missão de impedir as incursões do inimigo, no Rio Grande do Sul. Os caudilhos rebeldes estavam nessa occasião de posse de toda a campanha Oriental.

Um grave erro estrategico, commettido por um dos chefes que substituira o general Barão do Serro Largo, permitiu ao inimigo facilidade para invadir as nossas fronteiras, saquear e devastar toda a população brasileira, localizada no Valle do Uruguay. Tudo isso foi executado de modo barbaro e deshumano, que clamava por uma justa represalia.

Bento Manoel, em cumprimento de ordem, marchava para Sant'Anna do Livramento, afim de reunir-se a outras tropas que para ali convergiam, quando em caminho, perseguido, travou combate com guerrilheiros dos caudilhos orientaes, invasores da nossa terra, aos quaes infligiu de modo rude, o merecido castigo.

Em 31 de outubro, commandando a 1.^a brigada, sahiu elle novamente em busca da columna correntina, que ao mando de Felix Aguirre, saqueava as Missões Orientaes. O valoroso e intrepido sorocabano, atravessou o Uruguay em 5 de novembro, destroçando em suas margens as gentes desse caudilho. Este, logo depois,

retirou-se com 800 homens e tres peças de artilharia para a Capilla del Rosario, de onde enviou para a frente, como postos avançados, o caudilho Toribio, com mandando 200 homens. Bento Manoel, avançando, quebrou esta primeira resistencia, tendo no combate sangrado Toribio e a maior parte de seus guerrilheiros. O caudilho Aguirre, vendo o impeto com que Bento Manoel se precipitava sobre sua columna, não teve animo de aguardar o embate e, com seus cavalleiros e sua artilharia, procurou refugio em outro ponto, deixando, para cobrir sua retirada, uma columna de 300 homens, que foi tambem completamente destruida.

Mortos e feridos, deixou Aguirre no campo grande numero de praças. Foram tambem apprehendidos mil cavallos e grande copia de armamento.

Agora, eram os argentinos que se aventurem a medir forças com as tropas imperiaes, pelo abandono em que ficaram todos os passos da fronteira.

As circumstancias da campanha impuseram a substituição do commandante em chefe do exercito brasileiro, em principios de 1827. Ao Marquez de Barbacena foi confiado o commando do exercito em operações, que foi promptamente reorganizado. O commando da 1.a brigada de cavallaria ligeira, coube ao coronel Bento Manoel Ribeiro, que com ella se destacou no dia 9 de fevereiro, afim de observar os movimentos do inimigo o qual, a esse tempo, estava dividido em duas fortes columnas, Bento Manoel, que dispunha sómente de pouco mais de mil cavalleiros, marchou resoluto para o inimigo.

Acampado ao norte de São Gabriel, com forças superiores a 3.000 homens, achava-se o general Mancilla o qual, informado da approximação de Bento Manoel, recebeu-o com o choque desproporcionado dessa pesada massa. A cavallaria ligeira resistiu com a sua habitual galhardia, mas teve, por fim, de retirar-se. A cavallaria brasileira emprehendendo a retirada, sempre perseguida e accossada, travou combate nos dias 15 e 16, pouco distante do passo do Umbú. Sangrentos foram os encontros, mas o adversario foi rijamente castigado. Iniciando nova retirada, Bento Manoel fez destacar de sua columna tres esquadões, com a missão de deter o avanço de Mancilla, o que foi realizado em Sanga Funda. Em cargas violentas, esse

pugillo de patricios forçou o adversario a retroceder, em direcção ao campo que antes abandonára.

Durante a ausencia de Bento Manoel, que atrahia sobre si o grande effectivo de Mancilla, ferira-se a grande batalha de Ituzaingó, em que o Marquez de Barbacena sahira attingido no seu amor proprio. Na data deste encontro, 20 de fevereiro, achava-se Bento Manoel acampado no passo de Santa Victoria, — local distante do ponto onde tivéra lugar a pugna, 9 leguas brasileiras, isto é, 54 kilometros, — na impossibilidade portanto de chegar com tempo de transformar a retirada argentina, em sangrenta derrota. Mesmo assim, Bento Manoel, com a sua bem planejada e habil manobra, impedira a juncção da columna Mancilla com a que combatera contra o grosso da columna brasileira, sob as ordens directas do general Marquez de Barbacena.

Não tivesse Bento Manoel enfrentado e detido a columna inimiga, a batalha de Ituzaingó, que ficára indecisa, teria se constituído em grande e doloroso desastre para as armas imperiaes.

A columna de Bento Manoel serviu ainda para reunir os elementos de tropas que se dispersaram, durante a rapida retirada do exercito de Barbacena.

Depois de reorganizar parte do pessoal disperso, Bento Manoel reuniu-se ao exercito, ficando com a sua brigada, incorporado á divisão de cavallaria do brigadeiro Sebastião Barreto.

Bento Manoel, com suas tropas ligeiras, por ordem do commando emprehendeu contra o inimigo uma série de sangrentas guerrilhas, com o fim de conter e neutralizar a segunda invasão do solo riograndense.

Alvear, audacioso caudilho argentino, fôra assim, depois de varios encontros infelizes, forçado a abandonar, com elevadas perdas, as terras brasileiras.

O valente general Barreto, apôs o sucesso das armas imperiaes, baixou a seguinte ordem do dia, elogiosa a Bento Manoel e a varios militares que, em outros pontos, prestaram ao Brasil, nessa emergencia, o concurso de sua capacidade militar:

«Campo Volante, nas vertentes do Velhaco, 9 de Junho de 1827.—

Companheiros e amigos:

O exercito argentino, que tanto blaso-

nava de conquistar o nosso paiz, acaba de o deixar, retirando-se vergonhosamente!

Vêde o quanto pôde o pequenino numero de soldados, em cujos corações ainda a virtude impéra.

Vós fostes os que, á custa de mil sacrificios e privações, salvaram a Patria. Ella vos bemdirá e o augusto e magnanimo imperador, premiará com mão liberal as vossas fadigas. E as gerações vindouras olharão com respeito para os vossos ultimos netos e dirão com assombro: Estes ainda são os descendentes dos poucos heroes que expulsaram do nosso paiz natal, o exercito que o invadiu em 1827.

Eia! Camaradas! Continuai a trilhar o caminho da honra, não eclipsais a gloria de que vos tendes coberto. Mais alguma constancia, é o que unicamente de vós exige o vosso amigo e vosso patrício *«Sebastião Barreto Pereira Pinto»*.

Bento Manoel só se recolheu com a sua brigada um anno depois, em Agosto de 1828, quando os seus serviços na guerra se tornaram desnecessarios, por isso que as preliminares da paz com o inimigo haviam sido assignadas em 27 desse mez.

Em 24 de Março de 1829 foi o coronel Bento Manoel transferido para a 1.^a linha e classificado no Estado Maior do Exercito. Conservou-se, porém, no Rio Grande do Sul, de cujas queridas campanhas não desejava afastar-se.

Coube-lhe o commando da guarnição da fronteira de Rio Pardo, em 1831, por efecto de nomeação da regencia que subira com o golpe de Estado.

Bento Manoel exercia essas funcções havia já algum tempo, com o criterio e hombridade que lhe eram peculiares, quando inesperadamente, em dezembro de 1834, — talvez por um simples capricho do presidente da província, Rodrigues Braga, que era desafecto do bravo militar paulista, — fôra violentamente destituido do commando.

Contra este representante do governo central, rebentou no Rio Grande em 1835, um movimento sedicioso, que serviu de prodromo para a prolongada revolução reparatista riograndense.

Bento Manoel formou nas fileiras revolucionarias, ao lado de Bento Gonçalves, afim de ver descido do poder, o seu inimigo politico.

O presidente que fôra elevado pela re-

volução, nomeou-o commandante das armas.

Pouco mais tarde, porém, melhor esclarecido sobre os intuiitos do movimento que era proclamar a republica no Rio Grande e desmembralo do Imperio, desligou-se das hostes de Bento Gonçalves e, acto continuo, usando de sua autoridade de commandante das armas, orçou ás tropas que reconhecessem o novo presidente, nomeado pelo Imperador, dr. Araujo Ribeiro. Isto se passou em 30 de dezembro de 1835.

Bento Gonçalves estacionava então com o seu exercito no arroio dos Ratos, quando lhe chegou a noticia da ordem do dia baixada pelo commandante das armas e, conhecendo a coragem e impetuositade de Bento Manoel, com quem junto, mais de uma vez, combatéra inimigos estrangeiros, aguardou o seu ataque, que de facto, não se fez esperar. Em 1.^o de Janeiro de 1836, os postos avançados de Bento Gonçalves, recebiam o choque da vanguarda de Bento Ribeiro. Generalisou-se em seguida, entre as duas columnas, um encarniçado combate que finalisou pela retirada das tropas do atacante, que deixou em mãos dos republicanos alguns prisioneiros, e no campo, varios mortos. Pela primeira e ultima vez, sofrera o alto e indomito sorocabano, um desastre militar.

Desde então a situação de Bento Manoel tornou-se sobremodo precaria. Por um lado, o governo republicano que o mandava demittir e responsabilisar, e de outro, o presidente legal que o mantinha no commando das armas e o prestigiava com a sua autoridade, emanada do governo imperial. Bento Manoel só dispunha de um insignificante efectivo, que não attingia a dois mil homens. Mesmo essa pouca gente teve elle de repartir, na campanha, por diferentes guarnições. Apenas com um pequeno nucleo de tropa seguiu para Rio Pardo, onde esperava organizar uma columna, afim de enfrentar os revolucionarios. Assim aconteceu.

Não demorou muito para que o anjo da victoria, que sempre acompanhára Bento Manoel, voltasse a guiar-lhe os passos e acções. Decorridos alguns dias, infligia ella á columna do coronel revolucionario Corte Real, severa derrota. Este caudilho caiu prisioneiro de Bento Manoel, com 150 homens de suas tropas. O

campo ficará também juncado de mortos.

O republicano Bento Gonçalves, ao saber do desastre do seu companheiro de revolução dividiu sua tropa e seguiu a refugiar-se em Porto Alegre, antes que Bento Manoel attingisse o seu campo e lhe dêsse combate.

Não pôde, porém, penetrar na cidade porque nela havia irrompido um movimento restaurador, chefiado pelo marechal reformado João de Deus Menna Barreto, que lá residia. O presidente e membros do governo revolucionário, foram apeados do poder e presos. Em face deses acontecimentos, resolveu o caudilho sitiaria a cidade, juntamente com o reforço que recebera. Afim de intimar os defensores da cidade a se renderem no prazo de 4 dias, enviou alguns parlamentários.

A intimação fôra, com dignidade, repelida sendo por isso a cidade atacada por todos os lados, no dia 27, sem resultado. Tres dias mais tarde, em 30 de junho, foi renovado o ataque com maior violencia, combatendo-se com ardor e encarniçamento de lado a lado, durante tres horas.

Ainda desta vez foram os atacantes repelidos com pesadas perdas. Desde então renovaram continuadamente os ataques, sendo o mais sangrento e decisivo o de 20 de Julho, pois que os sitiantes não só foram rechassados, como também perseguidos á grande distancia. Suas trincheiras foram logo arrazadas.

Bento Manoel estacionava a mais de 50 leguas, quando teve informação do cerco posto á capital, cuja guarnição resistia com heroísmo. Reunindo as forças de que, no momento, dispunha, marchou sem perda de tempo, em socorro de Porto Alegre, que se debatia em apertado sitio.

A approximação do reforço trazido pelo proprio commandante das armas, os sitiantes acceleraram a retirada abandonando aquellas paragens, transportando-se para ás regiões serranas, afim de tentar, em outro ponto, novas aventuras.

As tropas de Bento Manoel acamparam nas cercanias da cidade, promptas para se empenharem na luta pela legalidade, logo que se offerecesse occasião. Pouco demorou elle nesse campo, sahindo em perseguição da força adversa, que Bento Gonçalves conduzia rapidamente. Soube-se depois que estabelecerá seu campo, provisoriamente, em Viamão. Nesse ponto fôra

alcançado por Bento Manoel, que lhe infligiu duras perdas, sendo obrigado a deixar as serras e a transpôr o rio Cahy, afim de ganhar as vastas campanhas.

Antes, porém, de chegar aos campos geraes, foi novamente alcançado pela cavallaria ligeira de Bento Manoel, que no dia 4 de outubro, junto á ilha de Fanfa, lhe fez soffrer maior revez. A victoria foi completa.

Os revolucionarios tiveram 120 mortos, grande numero de feridos, e deixaram em poder dos legalistas 15 boccas de fogo e quinhentos prisioneiros, inclusive o chefe da revolução, o valoroso caudilho Bento Gonçalves. O seu immediato, Onofre Pires, braço forte da rebellião, teve tambem igual sorte.

Essa victoria decisiva pôz termo á luta, que não podia mais proseguir, por falta de elementos.

A regencia premiou o coronel Bento Manoel Ribeiro, «pelos relevantes serviços prestados na província do Rio Grande do Sul, para o restabelecimento da ordem e contra os rebeldes», promovendo-o ao posto de brigadeiro do exercito.

O governo fez acompanhar a patente de promoção, deste decreto elogioso:

«Foi com a maior satisfação que o Regente em nome do Imperador ouviu a leitura do officio de 9 de outubro proximo passado, em que V. S., dando conta do triumpho completo que obtiveram as forças da legalidade, sob seu immediato comando, no dia 4, contra os rebeldes, anarhistas capitaneados pelo chefe de sediciosos dessa província, augura felizmente o breve extermínio da anarchia e total restabelecimento da ordem, para que tanto tem V. S. cooperado, coadjuvado efficazmente pelos intrepidos defensores da legalidade que, superando todas as fadigas da guerra, patrioticamente se dedicam a restituir, á grei brasileira, essa importante porção do Imperio, abalada e ameaçada de horrorosa subversão.

O regente em nome do Imperador, reconhecendo o relevante serviço que V. S. acaba de prestar ao Imperio, com a victoria do dia 4 de outubro, houve por bem, por decreto de hoje, conferir-lhe o posto de brigadeiro». Foi tambem agraciado com o officialato da Ordem do Cruzeiro».

Depois da victoria alcançada em Fanfa, se propôz Bento Manoel, a frente de tres

mil homens, varrer toda a campanha, submettendo e destroçando tropas inimigas, que ainda se encontravam dispersas pelos pampas. Assim, marchou elle com destino a Bagé, onde estacionava o chefe rebelde Antonio Netto, com alguma gente que pretendia augmentar, afim de continuar a luta. Após varias manobras, com que procurava esquivar-se do encontro, cahiu finalmente esse caudilho em mãos de Bento Manoel, depois de renhido combate, no qual foi abatido grande parte do seu efectivo.

Estava virtualmente terminada a campanha provocada pelos rebeldes republicanos, e por isso julgada desnecessaria a continuaçao de Bento Manoel, no comando das armas.

Por isso, e porque se sentiria melindrado com algumas desconsiderações que sofrera, Bento Manoel solicita e obtém exoneração das funcções de commandante, que com tanto relevo e dignidade exercera, e no qual prestára á Nação brasileira inestimaveis serviços.

Foi condecorado com as duas medalhas das campanhas do sul.

(Continúa)

Exames de Recrutas

Os nossos exames de instrucção muito se resentiam de uma norma por onde fossem pautados, pois cada commandante de unidade executava o que melhor lhe aprovésse, e havia mesmo um certo interesse em differir do commun, fazendo as cousas mais corriqueiras de um modo todo especial e característico, menos no sentido de facilitar a execuçao de qualquer movimento, do que no de chamar sobre si a attenção das autoridades presentes ao acto.

A tudo presidia a preocupação doentia da eterna *fita*, e assim era que havia quem ensaiasse ás escondidas o scenographic modo de estender da sua espalhafatosa escola de *gymnastica* e *esgrima*, regida por estridentes apitos convencionados; quem perdesse tempo precioso e puzesse á prova sua invejável pachorra, fazendo decorar e recitar a bisonhos tabaréos, toda uma complicada e enfadonha nomenclatura, que descia a minimos detalhes, com pesos e dimensões das mais insignificantes peças do armamento, como tambem as verdadeiras e

precisas dimensões, exactas inclinações de taludes d'um entrincheiramento feito... no quadro negro. E quem tivesse a preocupação de transformar o ensino da equitaçao, em escolas equestres de saltimbancos, que levavam pelo 2.º periodo de instrucção a dentro, apresentando-as mesmo por occasião dos exames de bateria.

Era portanto de todo imprescindivel, que se puzesse um dique ás cogitações balofas destes cinematographicos espectaculos, que se uniformisasse as instrucções, dando-lhes os respectivos regulamentos, e sobre tudo que fosse determinado un programma a ser obedecido igualmente por todos, o qual contivesse o que fosse licto e pratico que se exigisse após cada periodo de instrucção, completando-se assim as direcções geraes dadas pelo sempre pouco louvado R. I. S. G.

A felicissima iniciativa do Exmo. Snr. General Luiz Barbedo (1) veio portanto preencher uma sensivel lacuna, e de seu alcance pratico dil-o o exame de recruta a que acabamos de assistir aqui na *Provincia*. Não é nosso intento fazer a sua critica, porém, apenas citar o seu resultado, d'elle tirando illações para o que ainda nos parece util que se adopte; e para mostrar o quanto podem o esforço, dedicação e o amor profissional, basta dizermos que existindo um unico official por bateria, tendo sómente 3 ou 4 sargentos como auxiliares, os recrutas apresentaram de modo geral, resultado assás satisfactorio, e em tres partes da instrucção principalmente, algumas das nossas baterias poderiam competir com qualquer unidade da *Corte*; referimo-nos ao manejo do material, signaleiros e volteio. Esta ultima parte foi atacada com certa intensidade, visando attenuar a escassez da equitaçao, pois durante o primeiro periodo de instrucção a relação foi de um cavallo para 15 homens. Ha, porém, fundadas esperanças de melhorarmos nessa importante parte da instrucção, pois temos encommendados 120 cavallos e um picadeiro em construcção.

Convém assignalarmos que, a tudo presidia o maximo criterio, sendo que o mais vivo interesse foi demonstrado por parte dos instruendos, por saberem elles que teriam o seu tempo de serviço dobrado

(1) Annexo ao Boletim do Exercito n. 131 de 1917.

se não fossem julgados habilitados; e de parte dos instructores não houve a minima preocupação da *fita*, mesmo porque, a mais alta autoridade presente foi o comandante do Regimento, sendo portanto tudo feito *intramuros*; mas era de ver-se a satisfação com que, findas as provas do dia, as unidades se retiravam, algumas entoando canções patrióticas.

Não resta a menor duvida que á solicitude dos instructores veio juntar-se a bôa vontade dos instruendos, esta oriunda do interesse do mais breve regresso aos seus affazeres civis, e a certeza de ter de servir por mais um anno si não satisfizessem a determinadas exigencias; chegamos mesmo a obter maior porcentagem de retardatarios dentre os que já provinham do anno anterior, pois que estes têm a certeza de não poderem servir por mais de 2 annos. No interesse da propria instrucção ha portanto, a necessidade de tornar-se lei a doutrina dos avisos 175 de 2-2-1918 e 468 de 29-3-1919.

Seria ainda de toda a conveniencia que se desse maior caracter emulativo a esses exames, e assim sendo, as notas de que trata o n. 21 das directivas, além de serem dadas em cada ponto em conjunto a cada unidade, deveriam ser tambem pessoal pelo resultado do conjunto de todos os pontos, visando estimular, não só aos instructores como tambem aos instruendos, despertando nestes maior interesse pela instrucção, do que apenas lhes exigindo o simples *acto de presença*. E para isto não seria necessário um julgamento tão detalhado como exigiam as primitivas directivas, que mandavam dar em cada ponto e a cada recruta gráos de zero a dez; uma tal apuração seria mesmo difficult, a não ser nas materias da parte individual (a), mas poder-se-á avaliar d'entre os habilitados aquelles que no conjunto das materias mereceram nota soffrivel, boa ou optima, dadas em gráos 1, 2 ou 3.

E' bem certo que a Nação apenas aproveita o maior numero de habilitados, que serão seus futuros reservistas, pouco importando aos seus dirigentes, que d'entre elles existam soffríveis, bons ou optimos, mas podemos despertar nelles o estímulo com vantagens para os instructores e para a propria instrucção, proporcionando-lhes o louvável ensejo quando de regresso aos lares, poderem mostrar suas cadernetas com a mais alta nota nos seus exames.

Este anno algumas praças tivemos, que levadas por estes bellos sentimentos, vieram solicitar-nos que fizessemos constar em suas cadernetas a approvação que mereceram.

Um tal julgamento apresenta ainda outra feição de grande alcance, que é a de determinar-se d'entre os de menores gráos, aquelles que deverão ser incorporados ao contingente do anno seguinte, até a terminação do primeiro periodo de instrucção, elementos estes que não ficarão assim ao acaso, restrictos ao numero variavel dos retardatarios ou engajados; evitar-se-á portanto, pelo mais equitativo dos processos a *syncope* que em tal periodo soffre o Exercito. Se é certo que d'entre os mais capazes, na infantaria bastará 4 meses para o seu preparo militar (2), e se ha motivos de ordem superior que obriguem a reduzir a um anno o tempo de serviço, mesmo nas armas montadas, razões estas que clamam a selecção dos recrutas pelas armas com a adopção do nucleo de recrutas; (3) aos menos capazes impõe-se serem repassados no anno seguinte durante os poucos meses do primeiro periodo, e aos obtusos ou refractarios a repetição de todos os periodos.

Eis como, pensamos, poderá ser resolvida uma questão de grande monta para a tropa, selecionando conscriptos ou voluntarios por um processo emulativo que, como já foi dito, *apesar de tudo, é democracia de lei*.

Primeiro Tenente, José Faustino Filho.

(2) Defeza n. 66.

(3) idem n. 57.

THEMAS TACTICOS

Da II Parte (S. E. M.) do Boletim de 16. 8. 19.
da 6^a Região

(Continuação)

III — Solução

4a DE. Bifurcação Mandú-Massahim, 26-4-919. 84º

Ordem á vanguarda

1.º — Tropas *Azuis* fortificam-se em Bom Successo; de posições da cota 600, Morro da Divisa, bombardeiam com artilharia pesada Tremembé e tentam demolir a ponte a N. O. da mesma cidade. Uma longa columna retira-se de V. Pimenta para o N.

2.º — O *grosso* do nosso destacamento acanta em Pinda. Uma bateria foi estabelecida na curva do Rio, ao N. da cidade, entre o Mato duro e a margem esquerda; duas outras ba-

terias tomaram posição na cota 550, a O. da cidade, entre o caminho para a Faz. Mombaça e a E. de F. Campos do Jordão.

3.º — A nossa vanguarda defenderá a cabeça de ponte na margem esquerda do Parahyba:

a 1.ª comp. ocupará o sector-margem esquerda do Parahyba, casas isoladas, cota 550, construindo fósseos de atiradores e abrigos para suas metralhadoras;

manterá um *posto de signaleiros*, em ponto conveniente, para ligar-se com as duas baterias da margem direita, e um *posto principal* no Rio Mandú;

a 2.ª comp. construirá fósseos de atiradores a 1 km ao N. da bifurcação Mandú-Massahim, no caminho de Massahim;

as 3.ª e 4.ª companhias, com duas secções de metralhadoras, construirão fósseos de atiradores protegidos nas extremidades por metralhadoras, entre a bifurcação Mandú-Massahim e a margem do Rio; *dous postos* de signaleiros serão collocados na margem esquerda do Parahyba, um ao Sul do caminho Ponte-Mandú, outro na curva do Rio para o Norte; ligação com a artilharia;

a Comp. de Sap., com uma secção de metralhadoras, construirá uma luneta a 200 m da ponte, preparará sua destruição na margem direita e reunirá todos os meios de passagem que encontrar;

um *posto de signaleiro* entrará em ligação com o acantonamento de Pinda.

4.º — A cavallaria destacada recolher-se-á ás 18⁰⁰, bivacando ao N. da ponte, deixando um posto especial de official em Sta. Cruz Grande e fornecendo:

1 cabo e 4 soldados a 1.ª comp.

1 cabo e 4 soldados a 2.ª comp.

1 pelotão á reserva (3.ª e 4.ª comps.).

1 cabo e 4 soldados á Comp. de Sap.

5.º — Em caso de ataque será mantida a linha das 3.ª e 4.ª comps.

A 1.ª comp. retirará para a posição principal pela margem do Rio; a 2.ª comp., ao longo arroio (sem nome) affluente da margem esquerda do Parahyba, deixando livre o campo de tiro da posição principal.

6.º — *Alimentação* pelas viaturas-cosinhas e vierves de requisição.

7.º — Encontro-me na linha das 3.ª e 4.ª comps., onde está o posto de socorro.

8.º — Senha-Avahy; contra-senha, Caxias.

9.º — A's 18⁰⁰ as unidades enviarão oficiais á ordem.

Ten. Cel. Cdte. do 43.º B. C.

O commandante do grosso, ao approximar-se de Pinda, adeanta-se e vae ao encontro do maior do XVI B., encarregado de repartir o acantonamento e superior de dia ao mesmo. Com as informações que lhe são prestadas, redige o Ten. Cel. do 6.º R. I. a ordem para o acantonamento:

IV — Solução

4.ª D. E. Acantonamento em Pinda, 26-4-919. 8³⁰.

1.º — *Informações* do avião n... e da nossa cavallaria destacada asseguram que as tropas inimigas se fortificam em Bom Successo. Os Azues da cota 600, Morro da Divisa, bombardeiam Tremembé e tentam demolir a ponte a N. O. da mesma cidade. Uma longa columna retira-se em desordem de V. Pimenta para o N.

2.º — Nossa cavallaria destacada procura o contacto com o inimigo em Bom Successo, esclarecendo-se na direcção Massahim-Santa Cruz Grande. A vanguarda organiza uma cabeça de ponte na margem esquerda.

3.º — O grosso acantonará em Pinda:

O XVI B. com o seu estado maior e menor (menos 3.ª e 4.ª comps.), desde o aterrado que vae ter á ponte até a 3.ª rua, na direcção N. S., exclusive; *praça de alarme* — terreno entre o aterrado e 1.ª rua;

o XVII B. entre a 3.ª rua (inclusive) e a que parte (inclusive) da Estação em direcção ao N.; *praça de alarme* — o largo cuja face N. S. é a 3.ª rua;

o XVIII B. (menos a 4.ª com.), acantonará no restante Leste da cidade; *praça de alarme* — o grande terreno baldio ao N. da cidade, entre os caminhos para o Matadouro.

3.º — O grupo de artilharia estabelecerá uma bateria ao N. de Pinda, entre o Matadouro e o Rio, e duas outras, na cota 550, a O. de Pinda, entre o caminho para a Faz. Mombaça e a E. de F. Campos do Jordão. A 4.ª comp. do XVIII acantonará em alerta no Matadouro. Um posto de signaleiros fará a ligação com a vanguarda, na margem esquerda. A 3.ª comp. bivacará com a artilharia e a 4.ª procurará uma posição na margem direita, de onde possa auxiliar a defesa da ponte. Um *posto de signaleiros* e telephone ligará a companhia com a vanguarda e a artilharia.

4.º — A ambulancia acantonará na praça ao N. e mais proxima da estação.

5.º — Os trens estacionarão na parte da cidade ao S. da Estrada de Ferro. Ficarão á disposição das unidades ás 15 ás 17 horas.

6.º — *Guardas externas*:

o XVIII dará duas guardas (1 sargento 1 cabo, 9 praças, 1 corneteiro) nos caminhos para Cappa Sant'Anna-Capituva, e para Campinas- Campo do Athanasio;

o XVI B., uma guarda de official com um posto de signaleiros, na bifurcação do aterrado da ponte e caminho para Faz. Mombaça.

o XVII, uma guarda de 1 inferior, 1 cabo, 1 corneteiro e 9 praças na bifurcação das estradas para Tremembé e Rib. do Pinhão.

7.º — *Guarda interna* — no edificio da Prefeitura — 1 sargento, 1 cabo, 1 corneteiro e 15 praças; na estação da Central — 1 sargento, 1 cabo, 1 corneteiro e 15 praças do XVII B. Todas as guardas serão postadas ás 14⁰⁰.

Senha — Tuyuty; contra-senha, Osorio.

8.º — Todos os hoteis e tavernas estarão fechados ás 18⁰⁰. Os habitantes não poderão sahir de suas casas, depois de 18⁰⁰.

9.º — É proibida qualquer luz, fóra dos si-gnaes regulamentares (para evitar o ataque dos aviões).

10.º — O intendente do 6.º R. I. encarregará-se de todas as requisições.

11.º — Superior de dia — Major do XVI B.

12.º — Alojamento do commando do destacamento e do acantonamento — Prefeitura. Ordens ás 18⁰⁰.

Ten. Cel. do 6.º R. I.

V — Solução

O croquis do dispositivo de segurança seria desenhado de conformidade com as ordens acima. Não seria difícil fazel-o. Uma dificuldade,

porém, se apresenta: é o encarecimento desta publicação, para a qual não disponho de verba. Os meus camaradas poderão realizá-lo, examinando na carta a justeza das ordens do Coronel A. e dos seus subordinados.

Commentarios finaes

Durante o tempo em que seus subordinados agiam e sua tropa tomava as disposições ordenadas, o Coronel A. não podia nem devia permanecer inativo na Prefeitura. Dahi passar a ponte, examinar *in-loco* as medidas tomadas pelo seu comandante da vanguarda, aprová-las ou modifical-as; percorrer as posições da artilharia, verificando as ligações estabelecidas; estudar com atenção a ordem para o acantonamento. Fez assim uma cavalgada de uma quinzena de km. A's 11⁰⁰, de novo na Prefeitura, senhor da situação, estará em condições de redigir novas ordens, confirmando as que verbalmente tenha dado aos seus subordinados, ao fazer o seu reconhecimento pessoal. Cumpre-lhe, então, enviar uma nova parte ao seu comandante de Divisão, quer pelo telegrapho, se já reconstruído, quer por um festafeta ou um automobilista requisitado em Pinda.

Alguns camaradas estabeleceram ligações telephonicas por toda a parte. Seria excelente que a nossa tropa possuisse material telephonico, a partir do batalhão. Mas tal não acontece. Pela nossa organização actual só a companhia de telegraphistas e a artilharia dispõem desse precioso meio de ligação.

As posições da artilharia merecem algumas palavras. Os arts. 544 e 545 do R. E. A. dizem: *a posição de artilharia deve permitir a concentração do fogo sobre a direcção provável de ataque: adquirem a maior importância a instalação da artilharia por grupamentos, a possibilidade delles concentrarem seus fogos, bem como o aproveitamento do terreno para o fogo cruzado e flanqueante.*

As posições das três baterias cumprem muito bem as palavras do R. E. A.

3º Thema

Situação geral. — A do tema anterior, estando a tropa do Coronel A. na situação descripta em minha solução.

A's 9⁰⁰ recebe o Coronel A. a seguinte informação do comandante da vanguarda:

Transmiti-vos o seguinte de nossa cavalaria destacada:

Aprisionamos uma patrulha inimiga, e arrebanhamos alguns desertores. Do interrogatorio conclui-se que o destacamento de Bom Successo se compõe de 3 batalhões e 2 baterias. As posições inimigas começam na cota 550 a O. do terrapleno da E. de Ferro Campos do Jordão e S. do caminho Bom Successo-Mandú até o caminho ao N. para Faz. Bóia Vista e João Alfredo. A artilharia está collocada na cota 600 ao N. da E. de F.

No dizer dos prisioneiros e de alguns habitantes os Azues retiram em desordem, com grande dificuldade, havendo muito material nos caminhos do Morro da Divisa e ao Sul do Rib. da Serragem. A tropa que retira ao longo da E. de F. são os destroços de duas divisões, que estão separadas do resto do Exercito Azul.

O Coronel A. transmittiu ao Cdte. da 4.^a

D. E., pelo telegrapho, já estabelecido, a informação e sua situação.

A's 11⁰⁰ recebe a seguinte ordem:

1.^º — Vossas informações sobre o inimigo são confirmadas pelos nossos aviões. Na impossibilidade de reparar a ponte a N. O. de Tremembé, sob o fogo da artilharia pesada inimiga, nossos pontoneiros conseguiram construir balsas que effectuam a travessia das nossas tropas escondidas ás vistas do inimigo.

2.^º — Atacae imediatamente as tropas de Bom Successo, manobrando de forma a cortar-lhes a retirada para Monte Formoso.

3.^º — Sereis apoiado por três baterias de 15 cm que farei estabelecer em Cap. Padre Eterno.

4.^º — A esquadilha n. 1 fará vossa ligação com a artilharia de Cap. Padre Eterno e comigo.

Gen. B.

Cdte. 4.^a D. E.

Pedem-se:

As resoluções e as ordens do Cel. A., em virtude da ordem do Gal. B.

O prazo para a resolução deste tema será de 48 hs.

No proximo tema modifcarei a situação e adoptarei a nova numeração da nossa Divisão.

General L. Barbedo.

Caderneta militar

Está aprovada com o título apropriado de *caderneta militar* a nova caderneta destinada a substituir um certo numero de outras até agora usadas em nosso exercito. Estas, em numero de quatro e com denominações varias, alem de serem de typos e feitios os mais extravagantes, não consultavam, como convinha, os fins a que eram destinadas. A *caderneta militar* não apresenta os inconvenientes das substituídas; é mais prática e mais economica, e alem de reunir uma serie de questões cada qual mais importante, está de tal sorte organisada que as vantagens d'ahi decorrentes bastam para assegurar o seu triumpho. E com o intuito de tornal-a o mais util possivel, deu-se-lhe ainda o mister de poder substituir o que se usava sob a denominação de *guia de soccorrimento*.

Orientada em trabalhos usados em exercitos tidos como modelares, mas até certo ponto convenientemente adaptada ao nosso caso, acha-se ella methodicamente dividida em seis partes, ás quaes se reunio ainda um resumo com as explicações necessarias á sua escripturação.

A primeira parte consta somente de alguns artigos do regulamento do serviço militar (R. S. M.) que interessam ao soldado. A esta parte foram addicio-



nadas algumas *indicações complementares* com as quaes não só se definio a conducta do reservista em caso de mobilisação, como se fez lembrar ás autoridades o dever que elles têm de encaminhar, nos mesmos casos, os reservistas ás suas unidades.

Em face das deficiencias de nossa legislação civil estas indicações eram necessarias; elles vêm, de facto, por um lado completar alguns principios dô R. S. M., por outro, fazer sentir o que é preciso não ser esquecido quando forem tratados os detalhes relativos ao problema da mobilisação.

A segunda parte está organisada de modo a poder dispensar o nosso custoso gabinete de identificação. As necessidades da identificação no exercito não vão ao ponto de exigir um gabinete nas condições pouco modestas em que se encontra o nosso montado. Não ha, effectivamente, razão que justifique a existencia de um gabinete de identificação que só se destina aos que têm a ventura de prestar os seus serviços na Capital Federal. Semelhante criterio importa em reconhecer a inutilidade da identificação; por elle os soldados de Matto Grosso não precisam ser identificados.

A terceira parte ao mesmo tempo que reunida ás demais representa um historico do individuo durante seu tempo de serviço no exercito de primeira linha, é tambem destinada a substituir o que chamavamos a *guia de soccorramento*. Nesta parte especialmente a escripturação da caderneta deve ser feita de modo muito simples. Suas folhas indicando na maioria dos casos uma pagina para cada assumpto, são suficientes para as alterações durante o tempo de serviço. Algumas ha que só precisam ser escripturadas em casos especialissimos, taes são, por exemplo, as que substituem a guia de soccorramento.

A quarta parte comprehende como assumpto principal a instrucao que possue o homem ao ser excluido; sua escripturação incumbe ainda á companhia, bateria, etc. Trata-se ahi de um registo cuja importancia só se reconhece quando após alguns annos na reserva é de novo o homem convocado. A esta parte ainda se acham reunidos alguns detalhes sobre mobilisação; seus dizeres se completam na secretaria do corpo, por occasião da exclusão. Um passe de mobilisação, que

só é valido depois do respectivo decreto, é, na mesma occasião, assignado pelo commandante da região, encerrando-se com essa assignatura, normalmente, a escripturação da caderneta durante a passagem do homem pelo exercito activo.

Uma duvida resalta ahi immediatamente: é a da vantagem em ser esse passe assignado pelo commandante da região ou se não será melhor que essa tarefa seja reservada aos commandantes de unidades. Em todo caso, somente a pratica poderá aconselhar a preferencia.

Por conveniencia de organisação e attendendo que durante o serviço o atirador apenas precisa da parte relativa ao tiro, em folheto separado mas tendo, naturalmente, o mesmo numero da caderneta, está convenientemente adaptada a parte (6.a) que trata da instrucao do tiro.

A organisação de suas folhas está feita de modo a satisfazer as exigencias do R. T. I., embora á primeira vista nem sempre isto pareça; tal é, por exemplo, o que se observa na estreita columna — «posição de tiro». O que, porém, ahi se registra é apenas o numero da posição, o que basta effectivamente. Na columna — «determinados pelo» — se declara a autoridade que determinou o exercicio; na de — «observações» — quaes as condições do exercicio (R. T. I. 93).

Finalmente, como a caderneta não se destina exclusivamente aos que prestam o seu serviço no exercito activo, num anexo traz ella, alem de outras, as indicações a serem observadas pelas linhas de tiro, institutos de ensino, etc. Para estas instituições far-se-á a escripturação segundo as mesmas normas prescriptas para o uso da caderneta no exercito activo, mas somente daquillo que lhes fôr applicavel.

Certamente a caderneta aprovada não constituirá um trabalho definitivo; ella terá que soffrer as modificações que a pratica fôr indicando. Como primeiro trabalho, porém, não se pôde ter duvida sobre as vantagens que ella apresenta. O que é preciso agora é que seu uso seja regulado e mesmo completado com alguns trabalhos correlatos. Por exemplo, como medida de ordem, é conveniente que cada corpo possua um registo para as cadernetas que fôr distribuindo, isto é, uma escripturação que contenha o numero e a serie da caderneta, o anno de

distribuição e o nome do reservista a quem foi distribuída.

Tal é o novo trabalho que o E. M. E. submette ás exigencias das nossas necessidades praticas. Resta portanto que em espontanea collaboração, os officiaes que se interessam pelo aperfeiçoamento das cousas militares ponham em jogo o importante coefficiente de sua contribuição e lhe enviem, mesmo em carácter particular, as indicações que a pratica fôr aconselhando. Certamente o E. M. E. não se esquivará em estudal-as, e dado o caso de se lhe proporcionar esse ensejo, terá elle o cuidado, logo que as vá recebendo, de inclui-las no seu *registro de indicações para alterações de regulamentos*.

1º Tenente Barbosa Monteiro.

INFANTARIA

Methodo de instrucção pelo commandante Royé. Traducção revista, com adaptações aos nossos regulamentos.

(Vide n.º 65 e 67)

III

O chefe (1) de grupo (2) no duplo papel de commandante e instructor

II — Meios de obter o rendimento maximo do fogo

O rendimento maximo do fogo depende:

- da *tropa*, que deverá ser trenada;
- do *chefe*, que deverá fazer a *preparação* como a *execução* do fogo.

Preparação e execução do fogo não são aliás senão as operações que, logica e regularmente, se apresentam ao espirito do chefe chamado a recorrer á accão do fogo.

Que tem elle a fazer?

Na *offensiva*, á medida que o seu grupo avança: — reconhecer e demarcar o terreno, não só para proteger o movimento, procurando abrigos no terreno, mas ainda, quando a accão pelo fogo se tornar imminente, para assegurar a essa mesma accão, protectora do movimento, as melhores condições de tiro;

- escolher as posições de combate;
- ocupal-as judiciosamente e na formação mais conveniente;

Operações essas, que constituem a *preparação*.

Depois, no momento em que a situação impuser a abertura do fogo, elle passará á *execução*:

- achar o objectivo;
- designal-o ou, eventualmente, indicar um ponto a visar;
- avaliar a distancia;
- escolher a especie de fogo a adoptar correspondente á situação do momento;
- abrir e cessar o fogo no instante azado.

Na *defensiva*, aplicar as mesmas operações, com a diferença de que a preparação se fará mais facilmente e com mais perfeição, á vista do maior tempo de que se dispõe.

Taes são as diferentes operações que, feitas mais ou menos com perfeição, segundo as circumstancias, permittirão ao chefe de grupo dar ao fogo um rendimento maximo.

PREPARAÇÃO DO FOGO

1º — RECONHECIMENTO E DEMARCAÇÃO DO TERRENO

a) *Definição*. — O reconhecimento e a demarcação do terreno são, como a pesquisa e a designação dos objectivos, consequentes do combate moderno.

«A condição preliminar para que o chefe possa tomar uma decisão é estar informado sobre a situação do inimigo e do terreno.» (310)

No campo de batalha, ter-se-á em vista:

1.º) A observação meticulosa das comunicações e dos obstáculos para, durante o movimento ou durante o alto, diminuir a visibilidade pelo adversario e por conseguinte a vulnerabilidade do grupo;

2.º) A observação dos meios que permittam deante da fugacidade dos objectivos, a *abertura do fogo* nas melhores condições possíveis e, em particular, com a *melhor alça*.

Ora, reconhecer o terreno, é precisamente observar:

de um lado, os accidentes do solo (comunicações e obstáculos) utilizaveis na protecção do movimento ou no acto do tiro;

do outro, aquelles que em beneficio do inimigo possam ser utilizaveis na sua dissimulação.

Demarcar o terreno, é determinar a distância dos accidentes do solo sobre os quaes incidiu o reconhecimento.

Reconhecimento e demarcação serão

(1) Subalterno, sargento ou cabo.

(2) Pelotão, secção ou esquadra.

quasi sempre possíveis no combate, salvo combates muito próximos, onde aliás nenhuma utilidade apresentam.

O chefe do grupo os fará:

Na *offensiva*, antes de começá-la e à medida que caminha para a frente, aproveitando-se sempre dos abrigos naturais do terreno.

Na *defensiva*, precedendo o grupo, que ficará na posição de espera; a ligação é estabelecida automaticamente pelo sargento, cabo ou soldado que ficou como chefe.

b) *Utilidade do reconhecimento e da demarcação.*

Na *offensiva*, graças a essas previas operações, poder-se-á:

1.º) *No começo do próprio movimento:*

— estar senhor dos abrigos e das comunicações ou passagens que protegerão o movimento para a frente;

— saber a distância aproximada em que se acha o adversário e, portanto, avaliar o perigo que o ameaça;

2.º) *Durante o movimento* desde que se aproxima sensivelmente do adversário e que, em seguida, a ação pelo fogo pode se tornar iminente:

— determinar rapidamente os objectivos;

— achar instantaneamente as distâncias aproximadas, operação que tem como resultado aumentar a eficácia e a velocidade do tiro, e assegurar ao movimento proteção ainda mais eficaz.

Na *defensiva*, essas mesmas operações permitem:

— achar as posições de combate que solucionem as diferentes eventualidades, dando à tropa o máximo de proteção; o mais como na *offensiva*:

— determinar os abrigos atrás dos quais se pode refugiar o inimigo;

— designar rapidamente os objectivos; — achar instantaneamente suas distâncias.

De todas essas observações deve o chefe dar ciência ao respectivo grupo de modo que em dado momento a direção faltando, qualquer de seus homens o substitua com pleno conhecimento de causa e de acordo com a sua inspiração; e ainda informar às unidades que mais tarde provavelmente serão chamadas a ocupar a posição. (313) «Soldados que só se preocupam com o próprio interesse, e não com o de seus camaradas, nada entendem da arte da guerra (general Oku).

c) *Modo de proceder.* De posse dos conhecimentos acima, irá:

1.º) Pesquisar à vista ou a binóculo os principais acidentes do solo (fossos, vallados, cercados, orlas de bosques, etc.);

2.º) Dividir logo após, o terreno em sectores cujos limites serão formados por acidentes do solo previamente reconhecidos;

3.º) Demarcar, com o auxílio de avaliadores (193) e empregando os processos compatíveis com o momento (à vista, por aplicação do «millesimo», do reflector, do binóculo, da stadia, etc.) as distâncias dos pontos principais dos limites precedentemente criados.

Todas as vezes que fôr possível, o chefe fará um *croquis* (plano ou panorâmico) bem claro e simples. Esse *croquis* presta relevantes serviços na guerra; porém, mais ainda, na instrução, por ser um meio prático de se obrigar a aquele que é instruído de prestar contas daquilo de que foi incumbido.)

2º — ESCOLHA DA POSIÇÃO DE COMBATE

Na *offensiva*, a posição de combate a ocupar para a abertura do fogo deve ser o abrigo que o grupo, retido pelo fogo adversário, ocupar por último, que poderá ser aliás um dos que o chefe de antemão designou e demarcou, quando de posse do reconhecimento prévio do terreno.

Nesta fase da luta, sendo o objectivo progredir abrigando a tropa, o chefe deve evitar a demora atrás dos abrigos que porventura não permitem dar ao fogo a desejada intensidade.

Na *defensiva*, o chefe, tendo levado o grupo próximo à posição que tem de ocupar, *apossa-se das frentes* e lançando mão dos avaliadores procede ao reconhecimento no sector que lhe é afecto (438).

3º — OCCUPAÇÃO DA POSIÇÃO DE COMBATE

Em geral, toda ocupação de posição, tanto na *offensiva* como na *defensiva*, deve ser feita com a *maxima discreção*, para não chamar a atenção do inimigo e gozar da vantagem da surpresa.

O chefe conduzirá o grupo à posição desenfiando-o.

Colocar-se-á de modo a tel-o na mão e ao mesmo tempo a poder ver o terreno.

Na *offensiva*, a ocupação se fará sucessivamente, de conformidade com a marcha; o chefe, segundo as circunstan-

cias ou o terreno precederá ou não ao grupo.

Na defensiva, ocupará o chefe a posição quando julgar conveniente. A ocupação definitiva deve ser sempre precedida de uma *preliminar*, de modo a permitir que os atiradores se assenhoreiem do terreno, estudando o modo porque devam se conduzir mais tarde.

Desde que o inimigo seja avistado, o chefe — como em cada parada na ofensiva — ajudado pelos observadores fixa a atenção em seus movimentos.

4º — FORMAÇÃO. EFFECTIVO A PÔR EM LINHA

A formação a adoptar depende do terreno e da situação. É essencialmente variável: de um modo geral a formação tenua é menos vulnerável, mas, de outro lado diminui a acção do chefe.

O efectivo a pôr em linha depende da intensidade que se deseja dar ao fogo. O característico da acção pelo fogo é a *violencia*. Para que essa violencia exista, é preciso que o numero de projectis lançados num certo tempo seja o maior possível; nessas condições, é preciso que, salvo excepções, como ficou dito na repartição dos fogos, o chefe lance mão de todo o grupo.

(Continúa)

2º Tenente Lima e Silva.

I. S.

Por estarmos em vespertas de uma modificação das I. S., em vista do estudo comparativo para esse fim mandado proceder, julgo opportuno apresentar uma pequena modificação para o Código Geral a qual muito facilitará a instrucção respetiva, no caso de não se efectuar uma substituição radical no sistema.

Dizem as instruções: «Quer para a recepção quer para a transmissão, basta repetir mentalmente, de acordo com os movimentos das bandeiras, as letras do grupo; a ultima será a que se tem de receber ou transmitir».

Em seguida vem a regra de inversão segundo a qual basta elevar-se, como é praticado, a bandeira com que se não está signalisando, verticalmente acima da cabeça, para se transmitirem as letras da 2.ª parte de cada grupo, as quais devem ser repetidas mentalmente em ordem inversa.

Ora, a que proponho é a substituição do princípio da inversão por uma continuação na ordem direita.

Exemplo:

2.º Grupo

31 B. Descrever um círculo completo etc.

B — B D

B — B — B F

B — B — B — B G

Elevar a bandeira branca e recomeçar na mesma ordem:

B H

B — B J

B — B — B L

B — B — B — B M

Não ha pois a preocupação de enunciar, em ordem inversa, numeros e algarismos e fica eliminado o trabalho de fazer o instruendo adquirir presteza nessa parte.

Capitão João Eduardo Pfeil.

N. da R. — Sobre este mesmo assumpto recebemos agora um trabalho — Projecto de Instruções para Signaleiros — do Sr. tenente Severino José da Costa Junior. Infelizmente a premente falta de espaço nos obriga a exclui-lo da publicação.

O autor apresenta tambem a proposta de *inverter a regra da inversão* das I. S. regulamentares, de forma que as letras se succedam na ordem natural na 2.ª metade de cada grupo; divide o alfabeto em 3 grupos de 8 letras, na ordem natural.

Outra idéa sua, que nos parece muito boa e racional, é a ser adoptado para as folhas de aviso o modelo do telegrapho nacional.

Mais outra, tambem espontânea, é a de uniformizar as convenções ou abreviaturas das I. S. e das I. S. A.; como se sabe isso já foi feito.

Ainda outra, perfeitamente aceitável, é a de encurtar as hastas das bandeirolas; na verdade seu comprimento, necessário para a signalização de bandeirola unica em que ambas as mãos peggam a haste, é excessivo para o sistema das I. S.

Estudo de Tactica Regulamentar

(Ensaio)

Indicações commentadas para o cdtº e chefes superiores e subordinados nos destacamentos mixtos — em estacionamento, marcha e combate.

II — MARCHAS

A — Marchas longe do inimigo

Indicações para o Commandante

36. Qual o princípio?

«... deve-se ter em vista principalmente a comodidade da tropa e a diminuição da fadiga.» (R. S. C. 188—1).

Commentario. — A nenhuma preocupação com a segurança immediata é a principal ca-

racteristica das marchas longe do inimigo. Dahi a adopção do principio acima. Entretanto, a maior ou menor elasticidade a se dar a este principio depende das vias de comunicação, da urgencia da missão e de compensações outras de toda sorte.

37. Como dar a commodidade á tropa?

«... dividir a columna em outras, tantas quantas são as estradas aproveitáveis» e permittir que cada unidade marche seguida do respectivo T. E. (R. S. C. 188—2 e 526 2^a parte).

Commentario. — A commodidade da tropa exige, pois, um acurado estudo da rede de estradas. Sempre que possível, levando em conta a mobilidade de cada arma e as alterações que algumas levam ao piso não será de mais, ao se «dividir a columna», fazer-se que as tropas montadas sigam estrada diversa das tropas a pé.

38. Como diminuir a fadiga?

«Augmentando as distancias entre os elementos da columna, tornando mais independentes as unidades.» (R. S. C. 181—1).

Commentario. — Esse augmento de distancias é preciso ser effectivado desde o ponto de vista da ventilação da columna (hygiene de marcha) até ás diferenças de horas ou dias de partida de cada elemento ou grupo de elementos da columna. No segundo ponto de vista pôde-se conduzir as unidades a tirarem maior partido dos recursos em viveres, forragens, estacionamento, etc., de uma mesma via de comunicação.

39. Como suspender o estacionamento?

Por meio de uma ordem (R. S. C. 87—1 e 2). *Commentario.* — Se se parte de um estacionamento prolongado onde as medidas de hygiene e polícia exigiram ocupar grande extensão ou se trata de um forte effectivo (R. S. C. 179—1 e 2) é preciso determinar ponto inicial e hora de passagem por este ponto, para a testa dos elementos da columna. Se se parte de um estacionamento em profundidade em que estes elementos estacionam junto á estrada de marcha (R. S. C. 188—4) ou se trata de um pequeno effectivo (R. S. C. 179—1) basta uma ordem preparatoria, (R. S. C. 98) dada de vespresa, e o signal de reunir momentos antes da partida. A commodidade da tropa e a diminuição da fadiga exigem que o ponto inicial indicado seja de facil acesso (R. S. C. 179—6) e que a hora da partida seja determinada levando em conta a hora da alvorada ou seja o começo da faina diaria das tropas. Sirvadas precisam começar sua faina, pelo menos, uma hora mais cedo que as tropas a pé. Outrosim, não se descurre o calculo do escoamento dos diversos elementos da columna.

40. Como seria a ordem?

Como nos seguintes exemplos: (R. S. C. Ann. I e doutrina 97 e 102 á 107).

Destacamento

(Logar e data)

Ordem n. ...

1. Amanhã o destacamento marchará para...: Infantaria pela estrada...; cavallaria precedendo a artilharia pela estrada...

2. Ponto inicial de marcha...: Infantaria ás...; cavallaria ás...; artilharia ás...

3. Os T. E. das unidades as seguirão imediatamente.

4. Marcharei com a cavallaria.

(Modo de transmissão)

ou

1. O destacamento marchará amanhã ás... pela estrada...; a ordem de marcha será: Infantaria, cavallaria e artilharia; os T. E. das unidades as acompanharão.

2. Ao toque de reunir as unidades deverão formar em columna de marcha sobre a estrada...

3. Marcharei com a infantaria.

(Modo de transm.)

(Assig.)

Commentario. — Na ordem o cdte. poderá, quando julgar conveniente, (effectivo, disciplina, hygiene) determinar sobre o grande alto (R. S. C. 184) indicando o lugar onde elle se fará e sua duração e ainda como se fará a reunião e o bivac das armas. Neste sentido tambem poderá estabelecer medidas de polícia e usar estacionadores (R. S. C. 198). Quanto maior o effectivo maiores preocupações exigirá o grande alto.

Indicações para os Chefes Superiores

41. — Que incumbe aos cdtes. de reg., batl., grupo e unidades isoladas?

Devem tratar de dar sua ordem (R. S. C. 90); mandam reconhecer os itinerarios para o ponto inicial; podem determinar postos iniciais intermediarios; avaliam o escoamento de suas unidades sobre os itinerarios escolhidos (R. S. C. 179—5) ou o tempo de evolução das unidades para passarem da formação de estacionamento para a de marcha ao toque de reunir.

Commentario. — Como se vê a ordem dos chefes superiores só pôde ser dada, dentro da ordem do cdte. depois destas providencias. Só depois dellas pôdem estes chefes determinar a hora da alvorada, do café, do desarmar barraca, etc. A pontualidade em se attingir o ponto inicial é culminante. Qualquer descuido poderá conduzir a esforços inuteis sobre a propria tropa (adeantamento) ou sobre outras unidades (escoamento retardado). De qualquer forma o valor do chefe e da unidade ficará diminuido.

Indicações para os Chefes Subordinados

42. Que incumbe aos cdtes. de comp., sec., pel., bateria?

Determinar, dentro da ordem do respectivo chefe superior sobre os preparativos da partida (R. S. C. 178) e durante a marcha zelar pelas prescripções respeito aos pequenos altos e ao grande alto (R. S. C. 183 e 184) e pela disciplina e velocidade de marcha (R. S. C. 181 e 185).

Commentario. — (Vér commentario do n.º 7).

Indicações Geraes

43. Formação de marcha (R. S. C. 180).

44. Passagem de pontes. (R. S. C. 195).

45. Velocidade de marcha (R. S. C. 181 e 191).

46. Cruzamento de columnas (R. S. C. 187).

47. Distancias, profundidades e escoamento (R. S. C. 176—5).

48. Efeitos thermicos (R. S. C. 193 e 194).

B — Marchas perto do inimigo

Indicações para o Commandante

49. Qual será o principio?

«... as tropas marcham na ordem aconselhada pela urgencia do seu emprego no combate.» (R. S. C. 189—1).

Commentario. — A commodidade da tropa e a diminuição da fadiga passam a segundo plano. A escolha de estrada de marcha e subdivisão da columna as restringem de muito. As distâncias são impostas pela situação. As marchas perto do inimigo são caracterizadas pela segurança immediata. (Título V. Capítulo II do R. S. C.). A maior ou menor proximidade do inimigo, o efectivo e composição da columna e a natureza do terreno aconselham a ordem de marcha.

50. Como garantir o emprego da tropa no combate?

Por meio da segurança:

«de cavallaria que lhe é afecta para seu esclarecimento na marcha; «de destacamentos com que ella se cobre denominados vanguarda, retaguarda e flanco-guarda, conforme estiverem collocados na frente, atraç ou nos flancos». (R. S. C. 272—2).

Commentario. — A direcção em que se utilizam esses elementos de segurança varia com a direcção em que o inimigo está em relação á direcção de marcha da tropa. Se o inimigo está assinalado na frente, faz-se uma marcha de frente, imprescindé uma vanguarda; se n'um dos flancos faz-se uma marcha de flanco, imprescindé uma flanco-guarda; se na retaguarda, faz-se uma marcha retrograda, imprescindé uma rectaguarda. Ha casos em que se applicam, simultaneamente, dois destes destacamentos. Excepcionalmente se applicarão os tres.

Essa cavallaria e esses destacamentos de segurança garantem tempo e espaço para o emprego da tropa. (R. S. C. 272 e 278 — R. E. I. 389—1).

51. Como utilizar a cavallaria?

«Os orgãos de segurança que envolvem a columna não se devem afastar além da distancia necessaria a protegê-la contra o tiro da artilharia; enquanto que os de esclarecimento devem ter um raio de acção maior para proporcionar ao commando, as informações necessarias ás suas deliberações» (R. S. C. 275).

Commentario. — A primeira parte deste artigo se refere aos destacamentos de segurança; a segunda quer dizer com a cavallaria. Assim, conforme a missão, a maior ou menor approximação do inimigo e a natureza do terreno não se deve reter toda a cavallaria para a segurança immediata (no ambito dos destacamentos de segurança) mas attribuir maior efectivo ao serviço de esclarecimento (R. S. C. 277) podendo-se até fazel-a preceder a columna (R. S. C. 278). Attendendo a grande expansibilidade da cavallaria deve o cdte. do destacamento não só dar-lhe direcções mas demarcar-lhe linhas a attingir, evitando contudo sacrificar a iniciativa dos chefes da cavallaria (R. S. C. 279 e R. E. I. 304—1 e 2).

52. Qual a dotação das armas n'uma vanguarda?

«a) de parte da cavallaria afecta a columna; b) de infantaria, variando de $\frac{1}{3}$ a $\frac{1}{6}$ do efectivo total da columna;

c) de uma fracção de artilharia julgada conveniente pelo commando;

d) de companhias ou secções de engenharia cujos serviços sejam considerados necessários para os trabalhos previstos no decorrer da marcha;

e) de uma secção de ambulancia e secções de

aerosteiros quando houver necessidade» (R. S. C. 286).

Commentario. — a) porque ainda é preciso destacar cavalleiros para o grosso além dos destinados ao serviço de ligação; b) por economia de forças; c) porque, em regra, a artilharia marcha no grosso approximada da testa e preparada para entrar rapidamente em acção (R. S. C. 189—1); para decidir dotar a vanguarda de artilharia é preciso consultar se aquella dispõe de um efectivo conveniente de infantaria (no minimo um regimento) (R. S. C. 189—2) ou que as «circumstancias» (terreno dobrado, de difficult acesso e improprio á segurança, provaveis resistencias a quebrar, etc., (R. S. C. 285—1 — R. E. I. 386 — R. E. A. 520)) o indiquem; d) sempre que pelas notícias, partes e informações houver a previsão de construções, reparações e destruições, etc., e que os elementos da cavallaria não as comportem; geralmente quando os destacamentos tem engenharia esta marcha com a vanguarda se a marcha é de frente; e) raramente a secção de ambulancia acompanha a vanguarda e isto só se dá quando e de suppôr que a vanguarda tem de se empenhar seriamente (superioridade numerica do inimigo, terreno difficult ao desdobramento do grosso, etc.); raramente um destacamento disponha de aerosteiros.

Dentro dessas indicações o corpo da vanguarda comprehende a maior parte da infantaria, a artilharia (quando houver) e o destacamento de engenharia (quando elle não marcha na testa); a testa da vanguarda comprehende uma fracção de infantaria ($\frac{1}{3}$ a $\frac{1}{4}$ da infantaria da vanguarda (unidades completas) e o destacamento de engenharia. (R. S. C. 288).

53. E n'uma rectaguarda?

«A rectaguarda nos movimentos retrogrados, deve comprehender:

a) toda a cavallaria disponivel;

b) toda ou a maior parte da companhia de saudadores;

c) a maior parte possivel da artilharia da columna;

d) um efectivo de infantaria capaz de proteger com vantagem a artilharia empregada e offerecer sufficiente resistencia» (R. S. C. 294).

Commentario. — a) porque a cavallaria inimiga para conseguir o anniquilamento completo da tropa em retirada, (R. E. C. . . . e R. E. I. 458) forçará seus flancos (R. E. C. . . . e R. S. C. 298) o que exige da cavallaria amiga ameaçar (no minimo) os flancos da perseguição afim de conter a cavallaria adversa nos limites de os defender (R. E. C. . . .); é ainda sua missão mascarar a artilharia da tropa retirante assim como a locação das suas successivas posições de acolhimento; pôde-se ainda usar a cavallaria a pé, agindo como infantaria, tirando-se partido da sua grande mobilidade (R. E. C. . . .); é dever da cavallaria sacrificar-se para salvar a infantaria (R. E. I. 465—4); b) porque as destruições assumem importancia decisiva, importancia que depende imediatamente de oportunidade e rapidez (R. S. C. 295—1); c) porque o tempo que se precisa ganhar (R. S. C. 293—2 e 296) dependerá muito do maior ou menor retardão do inimigo e nenhum elemento melhor para retardal-o — obrigando-o a desenvolvimentos successivos ou impedindo-o de tomar formação em columnas — do que o fogo

de artilharia; é dever da artilharia sacrificarse para salvar a infantaria (*R. E. A.* 563 e *R. E. I.* 465—3); *d)* porque não se deverá empenhar a fundo a infantaria (*R. S. C.* 295—2) arma difícil de interromper o combate (*R. E. I.* 467 e 470; *comb.*) e de se acolher a tempo para a rectaguarda (mobilidade insuficiente).

54. *E n'uma flanco-guarda?*

«A composição e efectivo das flanco-guardas dependem do perigo maior ou menor, que ameace os flancos da columna e da natureza do terreno» (*R. S. C.* 308).

Commentario. — De um modo geral raramente se destaca uma pequena flanco-guarda de infantaria (morosidade, pouca resistência, perigo de ser aniquilada isoladamente). Devido às ligações e ao esclarecimento é necessário dotar as flanco-guardas de alguma cavalaria. Excepcionalmente, se lhe atribue artilharia. Quanto mais difícil o terreno entre a flanco-guarda e a columna mais se acentuam esses preceitos.

55. *Como suspender o estacionamento?*

Por meio de uma ordem de movimento, pre-

cedida ou não de uma ordem preparatoria (*R. S. C.* 98).

Commentario. — Quasi sempre ha razão para uma ordem preparatoria. As ordens de operações sempre sahem tarde por isso que é preciso que se esperem as ultimas notícias e informações do dia (*R. S. C.* 109).

56. *Como seriam essas ordens?* (*R. S. C.* Annexo I pag. 263).

Exemplos:

Destacamento

(*Logar e data*)

Ordem n.º...

1. *O destacamento* estará prompto para marchar amanhã ás...; os T. E. formarão ás... em columna sobre a estrada... a testa em...

2. *Os officiaes montados* irão receber ordens á encruzilhada... ás...
(Modo de transm.)

Após esta ordem preparatoria — mais tarde porque só interessará os chefes superiores ou na manhã seguinte momentos antes da partida — será dada a ordem de movimento:

Quartel General em... (*logar e data*)

Ordem n.º...

Repartição das tropas

1. *Vanguarda.* Cdte...

Unidades na ordem natural das armas (*R. S. C.* 104).

1. Notícias sobre o inimigo e tropas amigas.

2. Missão (em linhas geraes).

3. Prescrições para a vanguarda (estrada de marcha, hora de partida, direcções de esclarecimento).

4. Prescrições para o grosso (logar e hora de partida ou distância ou distância a que marcha da vanguarda).

5. Prescrições para a flanco-guarda (como para a vanguarda, mas com indicações mais precisas respeito ao esclarecimento).

6. Prescrições para os postos avançados (no caso de se partir de seu estacionamento com rede de segurança indicar a maneira da sua incorporação á columna de marcha).

7. Prescrições para o T. E. (distância e ordem particular em certos casos).

8. Lugar onde se achará o cdte.

(Assign.)

(Modo de transmissão)

Commentario. — Quando a cavalaria precede a vanguarda o n.º 1 da repartição das tropas e o n.º 3 do texto lhes dirão respeito. Haverá ordem por não ser necessário esse destacamento de segurança. Se iniciado o movimento, houver urgencia em se destacar uma flanco-guarda ou seja transformar a marcha de frente em marcha de flanco (*R. S. C.* 307 — 2a parte) empregar-se-á a vanguarda como flanco-guarda e se desviará o grosso por uma estrada mais interior, organizando este uma nova e fraca vanguarda. As flanco-guardas ou marcham paralelamente á columna ou ocupam uma posição até ao completo escoamento da tropa coberta. (*R. S. C.* 307 — 1a parte).

Na ordem é preciso que o cdte. seja conciso e só comunicar aos destinatários o que lhes é necessário (*R. S. C.* 102 — II). O n.º 1 da ordem (além do que já se disse no commentário do n.º 16) merece todos os cuidados. O mesmo quanto ao n.º 2 (missão). Disposições de carácter reservado (retirada eventual, previsões, possibilidades) só devem ser comunicadas, em ultimo caso, aos chefes imediatamente interessados (*doutrina do R. S. C.* 108). Por isso é sempre conveniente trocar ideias com o cdte. da cavalaria, artilharia ou engenharia, con-

textos de artilharia; é dever da artilharia sacrificarse para salvar a infantaria (*R. E. A.* 563 e *R. E. I.* 465—3); *d)* porque não se deverá empenhar a fundo a infantaria (*R. S. C.* 295—2) arma difícil de interromper o combate (*R. E. I.* 467 e 470; *comb.*) e de se acolher a tempo para a rectaguarda (mobilidade insuficiente).

Os T. E. normalmente seguem o grosso a distância que varia com as circunstâncias (*R. S. C.* 527 — 2a parte). Os T. C. acompanham as unidades (*R. S. C.* 527 — 1a parte) e por isso não precisam de prescrições na ordem. Nas retiradas os T. E. precedem a tropa e nas

forme o assumpto destas disposições, complementando assim a ordem e evitando ordens particulares. É preciso convir que nem todos os officiaes estão em condições de conhecer certos detalhes da situação e certas disposições do cdte. e que o prestigio deste deve ser inalterado.

A ordem será tanto mais completa quanto melhor informado estiver o cdte. (R. S. C. 230). Tire-se todo partido da exploração (R. S. C. 231 a 233, 275 2a parte — 277 e 278), estimu-

lem-se as participações automaticas (R. E. I. 310 e R. S. C. 117 e 118) e recorra-se a todos os processos de informação (R. S. C. 110 a 113).

57. *Como será a ordem na marcha retrograda?*

Ainda moldada no Annexo I — Ex. da ordem de marcha para uma Divisão e assim elaborada:

Quartel General (logar e data)
Ordem n.º...

Repartição das tropas.

1. *Vanguarda.* cdte...
Inf. (cav. e art. raramente).
2. *Grosso* (e ordem de marcha) cdte...
(Como na marcha de frente mas invertendo a ordem).
3. *Rectaguarda* — cdte.
Ordem natural das armas.
4. *Flanco-guarda.* Cdte.
(idem).
4. *Prescrições* á vang. (missões especiaes e

(Modo de transmissão)

Commentario. — (Vêr o do n.º anterior). Quando haja motivo para ordens particulares deve se procurar encaixar os assumptos na ordem geral para evitar confusões (R. S. C. 105) isto, já se vê, n'uma medida que se não perturbe a clareza e concisão da ordem (R. S. C. 88).

Indicações para os Chefes Superiores

58. *Que incumbe aos chefes cdtes. dos destacamentos de segurança e do grosso?*

Conhecida a ordem do cdte. do destacamento elles dão tambem suas ordens (R. S. C. 99) as daquelles moldadas no R. S. C. Annexo I, pag. 261 e ao deste ainda no espirito do referido modelo, prescrevendo medidas de com-

1. (Como na marcha de frente).

2. (idem).

3. *Prescrições* ao T. E.
preparação de destruições).

5. *Prescrições* para o grosso (mesmo ou outro itinerario).

6. *Prescrições* para a rectaguarda (principalmente direcções de esclarecimento para os flancos).

7. *Prescrições* para a flanco-guarda (como para a rectaguarda).

8. *Prescrições* para os postos avançados (quando haja).

9. Logar do cdte.

(Assig.)

modidade e de polícia (hygiene e disciplina) (R. S. C. 303). No mais como nas marchas longe do inimigo.

Commentario. — Só os cdtes. dos destacamentos de segurança dão ordens de marcha porque lhes incumbem responsabilidades e iniciativas táticas (R. E. I. 389). O cdte. do grosso (o mais graduado dos chefes das unidades do grosso) não tem outra função senão a de regulador do movimento, da hygiene e disciplina do grosso.

É util ter sempre presente os R. E. I. 304—1 e 2).

59. *Como será uma ordem á rectaguarda?*
Exemplo:

Logar e data

Ordem á rectaguarda. (R. S. C. pag. 261)

Repartição das tropas.

1. *Corpo* (ordem de marcha) cdte...
Art., metr. e infant.
2. *Testa*, cdte...
Inf., cavalleiros.
3. *Cavallaria*, cdte...
Tropa.
4. *Flanco-guarda*, cdte...
(Ordem natural das armas).

(Modo de transmissão)

Commentario. — Cabem ás ordens dos cdtes. dos destacamentos de segurança todas as observações respeito ás ordens do cdte. do destacamento.

Indicações para os chefes subordinados

60. As do n.º 42 e mais, aos cdtes. de unidades dos destacamentos de segurança, as prescrições do R. S. C. 283, 284, 290, 293, 295 e 299).

1. (Como na de vanguarda).

2. (idem).

3. *Prescrições* sobre o grosso (missão precisa, destruições).

4. *Prescrições* sobre a testa (hora de partida, linhas de acolhimento, ligações).

5. *Prescrições* para a cavallaria (os flancos inimigos como principal objectivo; exigir contacto permanente).

6. *Prescrições* para a flanco-guarda (como para o corpo).

7. Logar do cdte.

(Assig.)

Indicações geraes

As mesmas dos n.os 43 a 48 e mais:

61. *Exploração.* (R. S. C. Titulo IV).

62. *Durante o movimento* (R. E. I. 306—310—318 e R. E. A. 414. Combinação).

C — Marcha para o combate

Indicações para o Commandante

63. *Qual o princípio?*

«Na marcha para o combate o dispositivo da

marcha deve permittir aos principaes elementos, tomarem rapidamente a formação de combate. (R. S. C. 190—1).

Commentario. — A marcha para o combate pôde partir da *reunião* ou da *columna de marcha*. Em qualquer dos casos é preciso desarticular os elementos, desembaraçar-lhes as frentes e desvial-os em leque nas direcções de combate — mettel-os em linha sobre grandes frentes, a tempo e em espaço razoaveis ao terreno á missão e ás qualidades combativas de cada um delles. Eis as finalidades da marcha para o combate ou sejam das «disposições preparatorias para o combate» (R. E. I. 345).

64. *Como engendrar taes disposições?*

Por meio do:

- a) aumento de frente; b) desdobramento; c) desenvolvimento (R. E. I. 345—1).

Commentario. — O aumento de frente («passagem da columna de marcha a uma formação de maior frente, conservando a ordem unida») só se emprega nas columnas de marcha e em situações imprecisas, quando se precisa ter os elementos mais a mão e não se quer correr o risco de lançal-os n'um desdobramento em falsas direcções; no caso de se ter suficientemente assinaladas as direcções do ataque e a articulação do inimigo convém empregar directamente o desdobramento (R. E. I. 345—5: evitar perda de tempo). O desdobramento consiste na «subdivisão da columna de marcha em varias columnas». Quer sobre a reunião ou a columna de marcha, o desdobramento, ao mesmo tempo que permite ocupar grandes frentes por evoluções sucessivas dá oportunidade para estabelecer o «grupamento articulado» (R. S. C. 190—4 — 1^a e 2^a parte). Ao fim já as unidades de combate defrontarão seus sectores e toda tropa estará articulada em profundidade. E' quando se inicia o desenvolvimento (passagem á formação de combate) ou quando começa o combate. Toda essa preparação deve ser feita o mais possível desenfiada dos fogos e das vistas do inimigo. (R. S. C. 190—5).

65. *Como seria uma ordem de desdobramento?*

Exemplo:

Ordem ao Grosso (Lugar e data)

1. A vanguarda desenvolveu desde o bosque a E. da estrada até ao moinho sobre a encruzilhada...
2. A infantaria do grosso desdobra sobre o batalhão da testa (base) até ao rio a O. da estrada. A artilharia continua sobre a estrada e segue o batalhão da testa.
3. Continuo na cota...

(Modo de transmissão)

Commentario. — Nessa ordem é preciso cuidar intelligentemente das prescripções para a artilharia (R. E. A. 421 e 427 — R. E. I. 350). E' ainda necessário ter em vista as disposições da vanguarda.

Indicações para os Chefes Superiores

66. Dão suas ordens em consequencia a do cte.

Exemplos: a) O batalhão desdobra, frente para o capão (mostra) base 1^a companhia! 2^a e 3^a á direita da 1^a! Intervallos de 100 m! 4^a em segunda linha á retaguarda do centrão!

b) O regimento desdobra sobre o batalhão da testa, pelos flancos, intervallos de 300 m! Direcção do moinho!

c) O regimento desdobra sobre o batalhão da testa! I e III em primeira linha, intervallos de 200 m! II em segunda linha! Direcção do moinho!

Commentarios. — Quasi sempre essas ordenações dadas de viva voz aos proprios chefes interessados. Pelos R. E. I. 396 e 349 todos os chefes superiores tendo se adeantado e usado bons observatorios conhecem perfeitamente as direcções do desdobramento e estão em condições de conduzir suas unidades em presença dessas ordens breves.

67. *Articulados os elementos, como ag'r?* Ordenando o desenvolvimento.

Exemplos:

a) Altura... ocupada! (mostra). O batalhão ataca. Base 1^a companhia, frente 300 m! Do Capão até á estrada! Permaneço com a 4^a.

b) O regimento ataca o inimigo sobre a elevação...! Base I batalhão, frente 500 m! Do moinho ao Capão! Estarei com o II!

Commentario. — O mesmo do 66 em sua doutrina.

68. *Que lhes é essencial?*

A condição fundamental para o bom aproveitamento do terreno consiste em seu prévio *reconhecimento*. Este deve ser executado com cuidado, mas sem descer a minúcias exageradas que retardam a acção e, em consequencia, possam comprometer o resultado do combate.

Já durante a marcha de approximação e nos movimentos preliminares que precedem o combate, se deve difficultar a observação do inimigo aproveitando convenientemente o terreno. (R. E. I. 335).

Commentario. — Eis tudo para os chefes subordinados de todas as armas. Suas unidades devem seguir direcções que as desenfiem, mas sempre essas normas devem ser obedecidas. A escolha dos caminhamentos deve ser de tal ordem que não se perturbe a harmonia da articulação da unidade maior em que se está, a perseguição dos objectivos da marcha e a utilisação de formações que garantam a abertura rápida do fogo. No desdobramento e desenvolvimento essas devem ser as preocupações dos chefes subordinados.

Indicações G ral

69. *Cavallaria.* — Com os preparativos para o combate («marcha para o combate») o esclarecimento approximado vai cada vez mais (à proporção que se intensifica o contacto com o inimigo) cessando, dando lugar ao esclarecimento de combate que auxulta na medida em que aquelle desaparece. Assim, a cavallaria, depois de ter repellido a cavallaria adversa e sustentado as posições até á chegada da infantaria, (R. S. C. 282) perde toda a applicação á frente das tropas (principalmente pela sua grande vulnerabilidade) e suas patrulhas são substituidas por patrulhas de infantaria, artilharia e em alguns casos de engenharia. E' que a cavallaria amiga acolhe-se para os flancos da tropa que cobria (R. S. C. 282) na dupla missão de defendelos e estar prompta para realizar um golpe sobre qualquer dos flancos do adversario (R. E. C....)

70. *Artilharia*. — Se a marcha para o combate partir de duas columnas (caso raro nos destacamentos) convém que a artilharia marche toda n'uma delles, a não ser que seu emprego esteja precisamente determinado pela situação o que aconselhará distribuila (*R. E. A. 424*). Em regra a artilharia só avança, no máximo, com o desdobramento da infantaria (*R. S. C. 190-6 e R. E. A. 426*). Se a marcha parte da reunião deixa-se a artilharia sobre a propria estrada de marcha em columna dupla (*R. E. A. 421*).

A passagem da artilharia para a frente, sobre a propria estrada de marcha exige que se determine de antemão por que lado da infantaria deve ella passar. Quando sejam inevitaveis cruzamentos deve-se regular a passagem da infantaria por unidades e em accelerado nos espaços entre a testa e a cauda das unidades da artilharia ou entre as peças (*R. E. I. 350 e R. E. A. 427*. Combinação). Os pequenos efectivos da artilharia dos destacamentos, simplificam muito a questão.

71. *Engenharia*. — Quando estejam previstas (reconhecimento) dificuldades de passagem por certos trechos, incumbe á engenharia reparalos tornando praticaveis os «caminhos de columna» (*R. S. C. 190*).

72. *Trens regimentaes*. — Os T. C. continuam acompanhando suas unidades (*R. S. C. 527, 1^a parte*) e depois de esvaziadas a v. m. collocam-se á reitaguarda da fracção disponivel mais á reitaguarda á espera do remuniciamento da columna divisionaria (*R. S. C. 453-454-457-466*. Combinação). Os T. E. são detidos á distancia, com sufficiente antecedencia (*R. S. C. 527*).

Tte. Mario Travassos.

Instrucção de padioleiros

Capítulo de um livro em preparação

Tenta-se apresentar aos collegas uma nova Instrucção de Padioleiros.

A primeria e unica que temos possuido até hoje é a do Sr. Capitão medico Dr. Francisco Alves de Castilhos roubado ao Corpo de Saude pela parca inexoravel.

Foi este collega um dos mais acabados exemplos de adaptação profissional medica á vocação militar. O gosto que tinha pela carreira militar e o amor que nutria d'ella faziam-no o tipo perfeito da raça dos verdadeiros medicos-soldados. Paz á sua alma!

A sua Instrucção, porém, sobre ser harto deficiente, resente-se de uns tantos senões que, estou certo, seria elle o primeiro a reconhecer e a corrigir se vivesse ainda; como, porém, já não lhe é dado imiscuir-se mais nas cousas deste mundo e nós continuamos a progredir, natural é que alguém haja, ingenuo talvez, que, se interessando pelas cousas mili-

tares de sua Patria, tome cargo de apresentar outra Instrucção mais em dia com os progressos do Serviço de Saude do Exercito.

Com tais razões apresento hoje o meu trabalho. Do que n'elle se contem nada é novo porque nada inventei e muita cousa não é minha.

Não fôra talvez mister dizer isto porque os que me conhecem sabem de sobejo que as minhas apoucadas habilitações e o espirito desalumiado de entendimento não m'o permittiam; como, entretanto, pôde haver alguém mal intencionado que enxergue algo que não seja meu e queira ver nisso copia ou plagio, declaro-o alto e bom som para que todos fiquem sabendo.

Se, todavia, não houve muito o que inventar, houve e não pouco o que concatenar e methodizar e ahi está talvez o unico merito do trabalho.

E' o serviço de saúde, dos serviços auxiliares do Exercito o que mais se approxima das armas. As leis geraes que regem a organização dos Exercitos colhem em suas malhas o serviço de saúde. Possue, como as armas uma instrucção assás complexa; requer, como elles, longo prazo para o seu cabal aprendizado; exige, como elles, muita tenacidade para sua nitida comprehensão; pede, como elles, muita practica para sua perfeita execucao; e tudo isto só se adquire com gosto, boa vontade, e muito exercicio.

Quatro são as causas que devem mover-nos a cuidar sinceramente do Serviço de Saúde do Exercito:

1.a o levantamento do moral dos elementos da tropa pela certeza que devem trazer consigo de que, sendo feridos, contam com o socorro prompto;

2.a poupar aos que estão empenhados na acção o desamparo de seus postos de combate para virem socorrer aos que caem feridos;

3.a remover as causas que possam perturbar os movimentos da tropa, resultantes do entulho de feridos, o que fatalmente se dará desde que não haja para os tornados inactivos um apparelho perfeito de escoamento para a reitaguarda;

4.a afastar do inimigo a possibilidade de apoderar-se do armamento por ventura abandonado na linha de fogo e pelo qual são responsaveis as equipagens que levantam os feridos.

Deste ponto de vista, cuidar do serviço de Saúde é preparar a victoria.

Por consenso geral, é o Serviço de Saúde no campo de batalha dividido em tres escalões: Posto de Soccorro, Ambulancia e grupo de Hospitaes Divisionarios. Estes são os escalões normaes; em caso de necessidade, outras formações sanitarias de variadas denominações se derramam pela zona de acção. Em seu tempo e logar havemos de conhecê-las todas.

E' o Posto de Soccorro formação sanitaria cometida exclusivamente ao serviço sanitario regimental. Este, entre nós é ainda escasso. Em tempos que não vão longe, o serviço sanitario regimental, reduzia-se á visita medica passada muito ás pressas e nada mais. A instrucção sanitaria militar era um mito.

Com a reorganização de 1908, tivemos os primeiros lineamentos do serviço regimental que se intensificou com a arregimentação dos medicos e a criação dos graduados de Saúde. Para ser completa a obra só faltavam os padioleiros de que a lei não cogitou. A regulamentação interna dos corpos, porém, no intuito de corrigir a falha, autorizou a tirar da companhia um certo numero de soldados para o serviço de padiola e deviam por isso receber a instrucção respectiva.

Em successivos artigos publicados em nossas revistas de assuntos militares mostrei a inconveniencia desse sistema de fazer padioleiros.

D'entre as razões com que então defendi a minha asserção avultava por mais digna de attenção a de desfalcar a companhia de seus elementos de combate exactamente na occasião em que o capitão mais precisava delles, que era no momento da acção. De facto: não havendo o padioleiro profissional, como é para desejar-se, e desde que haja soldados que conheçam o manejo da padiola, são necessariamente estes que virão manejar-a no instante em que tomar o primeiro ferido na linha de fogo; dest'arte os soldados que têm a instrucção da padiola, largam a carabina e pegam na padiola e como elles pertencem á companhia combatente, é esta que se desfalcá com a saída delles e se desfalcará precisamente no momento em que começa a haver feridos, por occasião do combate, quando justamente o capitão mais tem necessidade delles. Consequencia de tudo isto: o capitão que

tem em sua companhia 250 baionetas em rigor não dispõe senão de 246 porque as 4 passam para a retaguarda para o serviço da padiola, e outras irão passando á medida que os claros forem se verificando nas fileiras dos padioleiros e mais depressa se exaurirá a companhia que perde homens na frente e desvia elementos para a retaguarda.

Agora com a remodelação do Exercito e as novas regulamentações, desapareceu a disposição que mandava instruir na padiola 4 soldados de cada companhia combatente; insiste-se, entretanto, em nos dar a musica para receber a instrucção; mas os musicos não podem e não devem ser padioleiros; além de ficarem sobrecarregados, porque desta forma passam a ser os serventuários que mais instrucção recebem, a saber, instrucção da arma ministrada pelo ajudante; instrucção de sopro ou de pé como elles dizem, dada pelo mestre, e instrucção de padiola efectuada pelo medico, o que os tornará inhabéis para uma delas visto como ninguem pode ser perito em tudo, será naturalmente prejudicada a instrucção da padiola porque é a unica que tem, pela letra do regulamento, dias designados quando é certo que pela sua complexidade deveria ser ministrada diariamente como acontece com as outras.

Instruir, pois, a musica é não ter padioleiros convenientemente habilitados porque as solicitações constantes e inevitáveis dos seus serviços profissionais a isto se oppõem: uma recepção aqui, uma manifestação alli, um embarque acolá, uma posse, uma retreta, um contracto, prejudicam frequentemente a instrucção todas as vezes que a hora de uma coincide com a hora de outra.

O exercito que tem servido de modelo á organização dos bons exercitos do mundo diz lá na sua alinea b do n.º 2 da sua instrucção de padioleiros: «Os padioleiros auxiliares — soldados, musicos e aprendizes de musica — só serão temporariamente empregados no serviço de padioleiros.» (Die Hilfskrankenträger — Soldaten aus der Front, Musiker — werden nur vorübergehend zum Krankenträgerdienst herangezogen).

As proprias leis da biologia nos ensinam que o primeiro e mais geral dos principios do aperfeiçoamento das machinas animadas reside na separação, na defi-

nição, na especialização das funcções; e com efeito um instrumento qualquer preenche tanto melhor seu fim quanto mais exclusivamente afeito é elle a um só destino; ao passo que, se tem de servir ao mesmo tempo ou successivamente a diversos usos, será menos apropriado a cada um delles em particular. Encarado sob este aspecto o Exercito em campanha assemelha-se a uma officina em que todos os trabalhos são executados por operarios diferentes cada um dos quaes com atribuições determinadas e mais ou menos restrictas.

Por isso não me cansarei, no meu ingrato lidar, de pedir, para a instrucção da padiola, homens com a rubrica «padioleiros», sem outra função mais que cuidar de feridos e como tal recebendo durante a paz uma instrucção que se desdobra em varias partes, exigindo todas elles tempo largo e exercicio continuo para o seu aprendizado.

Urge, pois, que nos emancipemos da musica como já nos emancipámos da companhia combatente e quando esta emancipação fôr uma realidade teremos resolvido o nosso problema e o Exercito tudo poderá exigir do Serviço de Saude Regimental porque elle tudo poderá dar.

Exorto, pois, os collegas a trabalharmos juntos pela emancipação absoluta das formações sanitarias régimentaes, da musica.

Em meu entender e desejo, a organização da formação sanitaria regimental que, em tempo de paz, se responsabiliza pelo serviço de saúde do corpo e pela instrucção sanitaria e em tempo de guerra, realiza o estabelecimento do Posto de Soccorro, deve partir do batalhão, constituindo a Secção de Saúde assim disposta:

Secção de Saúde	Pessoal	1 1º Tenente medico
		1 3º Sargento de Saúde
	Material	2 Cabos de Saúde
		16 Padioleiros
		1 Corneteiro
		4 Conductores
		4 padiolas Franck
		1 padiola Franck com suporte de meza
		material de curativos
		barracas sanitarias.

E' esta a formação base para a qual preparamos a nova instrucção.

O uniforme dos padioleiros será o mesmo que o das outras praças, substituída a carabina pelo Nagant russo; o sabre

curto pelo sabre longo e afiado; e levarão a mais a bolsa de padioleiros.

Os padioleiros regimentaes trarão na manga da tunica do lado esquerdo, correspondendo ao terço medio do ante-braço duas padiolas Franck desarmadas e cruzadas, de metal oxidado, e os padioleiros divisionarios usarão o mesmo distintivo no gorro e nos botões.

Conseguido isto teremos dado um passo agigantado em prol do serviço sanitario regimental.

Se m'õo permittissem o espaço e a occasião teria toda a oportunidade aqui uma larga digressão sobre *onde, como e quando* estabelecer o Posto de Soccorro em uma zona de acção. Um cabal conhecimento, porém, de Medicina Militar, nos instruirá plenamente neste sentido.

A questão de *quando* estabelecer o Posto de Soccorro é de todas a mais importante e exige por isso mais ponderação. Prende-se ao desenrolar da tragedia que é sem contestação o combate. A este proposito, entretanto, devemos nos reportar ás noções de tactica que nos ensinam que o combate se desdobra em quatro phases: *alinhamento, approximação, resolução e perseguição (ou retirada)*.

Nas primeiras phases a deslocação rápida dos nucleos combatentes impede o estabelecimento do Posto de Soccorro; na phase de *resolução* a acção toca o auge; neste momento o combate é empenhado de modo estavel e os movimentos da tropa são mais limitados; é precisamente nesta phase que devemos estabelecer o Posto de Soccorro.

Contem a presente instrucção mais onze capítulos; são seus themas:

- I — Considerações geraes;
- II — Disposições fundamentaes;
- III — Definições preliminares;
- IV — Instrucção marcial;
- V — Instrucção do manejo da padiola;
- VI — Instrucção de anatomia ligeira;
- VII — Instrucção de primeiros socorros;
- VIII — Instrucção do levantamento de feridos e sua instalação na padiola;
- IX — Instrucção do apeiamento dos feridos montados;
- X — Instrucção de condução de feridos sem padiola;
- XI — Instrucção de condução de feridos a grandes distancias.

Uma vez ou outra enveredo pelo terreno da philologia, senhora com quem

mantendo as mais cerimoniosas relações, para propôr modificações tecnologicas que se me afiguram mais aceitaveis. Não se veja nisto um desejo de ostentar uma erudição que não existe; trabalho tão somente para regularizar e uniformizar uma terminologia que assenta ainda em bases muito imprecisas.

Espero da critica illustrada e bem intencionada o que ella me não pode recusar e desejo que sobre o presente trabalho caia a discussão afim de que fiquem esclarecidos os passos que não estiverem convenientemente decididos.

Cap. medico A. Cerqueira.

R. T. I.

(2^a edição — continuação)

Nos 56 a 72. — Está comprehendida nestes numeros a parte mais importante do regulamento no que é relativo ao tiro de instrução. A clareza de sua redacção é de molde a não deixar a menor duvida sobre o modo de ser encarada a especie de tiro a que a mesma se refere.

O tiro de instrução não é um tiro de sport, e como bem o regulamento o define em seu n.º 30, sua pratica constitue a escola preparatoria dos tiros de combate. Attendendo, pois, á sua destinação objectiva, elle não pode dispensar o que se chama a *disciplina individual do atirador*. Casos ha em que o tiro de instrução entra em consideração até (para não falar em outros) com o factor tactico do tempo.

Assim, portanto, cumprindo-nos comprehendê-lo com o rigorismo que o regulamento lhe empresta, é preciso evitar, por outro lado, a feição sportiva que presentemente se lhe procura dar, principalmente nas linhas de tiro.

Ha entre nós uma tendência que se não harmonisa muito com o verdadeiro espirito desta parte do regulamento: é a preocupação constante e absoluta no seio da officialidade em fazer com que cada homem consiga durante o anno de tiro, se tanto lhe for possível, ir dos exercícios da 2^a classe aos da classe especial. Dahi o facto de se ter já algumas vezes chegado a resultados verdadeiramente phantasticos, de ordinario com prejuizo da propria instrução, por quanto uma instrução conduzida sob a influencia de semelhante preocupação jámais poderá ser dada com o necessário e devido cuidado.

Já se têm dado casos de companhias de pequeno effectivo terem apresentado um numero de homens passando de classe durante o anno superior a 30, quando para os nossos efectivos annuaes uma media de 10 homens por companhia já pode ser considerada boa.

Que esta preocupação exista para o atirador é perfeitamente razoavel, não, porém, para o official; o que este deve possuir é o interesse para que cada um atire bem. E' claro, no entanto, que o official não deve dizer ao atirador, nem de leve lhe deixar a suspeita, que a classificação não tem valor (mesmo porque ella o tem); ao contrario, elle deve sempre es-

timular-o, e em todos os seus actos manifestar-se interessado para que cada um passe de posição e de classe.

Essa tendencia em encarar o tiro de instrução por esse prisma tem entre nós adquirido tal preponderancia que nem mesmo os nossos órgãos superiores se têm libertado de sua influencia perturbadora. Haja vista o que presentemente se dá ainda com alguns dos nossos regulamentos. Estes exigem que o atirador para ser aprovado ou ser reservista precisa satisfazer como condição fundamental todos os exercícios de uma determinada classe.

Mas não se conclua tambem das considerações anteriormente expostas que se possa chegar ao fim do anno de tiro apresentando coefficientes pouco animadores. Tudo tem seus limites, e levando apenas em conta a passagem de classe, um coefficiente inferior a 4 por companhia já pôde ser considerado máo. Sim, levando em conta apenas a passagem de classe, porque nem sempre o facto de um atirador não mudar de classe deve induzir á consideração de que se trata de um máo atirador; tal é por exemplo, o caso de homens que não perdem tiros, não fazem tiros accidentaes e observam no tiro a mais rigorosa disciplina. Estes homens inspiram incontestavelmente muito mais confiança como atiradores do que aquelles que tendo embora conseguido galgar classes de tiro mais distinatas, são no entanto sujeitos áquellas incorrecções. Demais, deve-se ter presente que o objectivo final de tudo isto é a guerra, e que só se pôde considerar completo e óptimo o atirador quando aliado á precisão do tiro elle é capaz de, por uma disciplina severa, produzir em combate e no menor tempo o maior numero possivel de bons disparos, isto é, produzir o maior rendimento. Certamente, um atirador que maneja a alavanca de seu fuzil com pancadas só pôde no maximo fazer em combate um numero muito limitado de bons tiros; o mesmo se dará com todo aquelle que maneja com dificuldade o apparelho de pontaria e o ferrolho, carrega mal o deposito, etc.

Vê-se assim que no julgamento do tiro de instrução é erroneo limitar-se o empenho exclusivamente á satisfação de condições. Sem entrar em consideração com todos esses detalhes, qualquer julgamento será sempre defeituoso.

Por isso, é da maior vantagem que os comandantes de companhia nunca se esqueçam em seus relatorios (caso tenha logar) essa circunstancia particularmente importante. A casa — observações — contida nesses informes, é destinada exactamente aos esclarecimentos dessa ordem. Por exemplo: seria máo o resultado de uma companhia que apenas apresentasse dois homens passando de classe; no entanto esse juizo seria grandemente modificado se nas observações constasse que foi muito pequeno o numero de homens que perderam tiros.

E' preciso cada um de nós convencer-se de que em questões de tiro nada se perde em ser o mais rigoroso possivel, e que dentro da companhia o capitão, além de ser o maior responsável, deve ser tambem o maior interessado para que sua unidade possa apresentar um rendimento util na guerra. Nada, portanto, de resultados phantasticos e que em rigor não correspondam á realidade.

Das considerações que ahi ficam não se con-

clua que é condemnavel a classificação abundante dos atiradores. Ao contrario, a classificação é de uma importancia extraordinaria; ella, porém, só adquire o seu valor quando feita com rigor e observando todos esses detalhes. Não é de outro modo que o regulamento a recomenda e prescreve; a prova disso está contida em seus diferentes numeros e, particularmente, no n.º 58:

«Se um atirador commette ainda erros tão grandes que fazem duvidar de sua segurança no tiro, o commandante da companhia é obrigado a adiar sua transferencia de classe, mesmo quando o numero de cartuchos consumidos tenha sido relativamente pequeno».

N.º 56. — Este numero estabelece com precisão o que constitue o anno de tiro. Aliás, a definição aceita pela 2^a edição é a mesma que já havia sido dada com as modificações introduzidas na 1^a. Com o que ahi se estabelece, a instrucção de tiro não experimenta soluções de continuidade. Quando muito, após as manobras poder-se-á diminuir o carácter intensivo que ella deve ter antes desse periodo. O principal é evitar que cada homem interrompa a sua instrucção por tempo superior a tres mezes, tal como agora o n.º 60 prescreve.

N.º 57. — A combinação deste numero com o 59 não autorisa a suposição de que o capitão é obrigado á execução dos tiros de instrucção. Esta obrigaçao só é taxativa para os officiaes subalternos. Assim, é em relação ao posto que se define esta obrigaçao e não á função; por isso, os officiaes subalternos, mesmo commandando companhia, são obrigados á execução desses tiros.

O facto de não ser obrigatoria para o capitão a execução dos tiros de instrucção, não leva a concluir que não possa elle dispôr de uma arma em sua unidade; e é para attender a isto, ou antes, ao registro dos tiros feitos pela arma, que o n.º 221 estabelece a necessidade do registo dos tiros feitos pelo capitão.

N.º 60. — Segundo este numero, toda interrupção de tiro por tempo superior a tres mezes obriga o atirador a voltar ao primeiro exercicio da classe como se a ella pertencesse pela primeira vez. Esta exigencia importa em subordinar o atirador a um treinamento constante.

Depois da ultima alteração que o regulamento sofreu trazia este numero uma exigencia sobre tiros de combate que teve de ser posta de lado; a pratica não a recommendou. Por isso, em vez de exigir que o homem satisfaça um certo numero de exercicios, para que possa tomar parte nos tiros de combate, ficou, pelo que prescreve a nota do n.º 142, ao criterio do commandante de companhia, levar ou não «ao tiro de combate os homens da 2^a classe que nos tiros de instrucção não tenham revelado o menor aproveitamento, etc.»

N.º 63. — Este numero foi ligeiramente aumentado, exactamente para attender o caso de homens que ora atiram de fuzil, ora de mosquete; tal é o caso dos corneteiros, etc.

N.º 72. — E' este um dos numeros do regulamento que não tem sido lido com a devida attenção.

Por não se observar que esse numero faculta o emprego da munição de economia, tem-se cahido na suposição de que cada homem não pôde gastar mais de 70 cartuchos nos ti-

ros de instrucção. (*) E' por isso conveniente attender ás indicações numericas do n.º 220.

A dotação de 70 cartuchos por homem e por classe de tiro agora prevista, é apenas uma base para o calculo da munição; mas não se conclua dahi que pelo facto de se poder gastar mais de 70 cartuchos seja permittido o absurdo de um consumo exagerado. (Por um erro de revisão o R. conservou em diversos outros pontos a dotação antiga).

Este mesmo numero faculta a passagem a um exercicio de ordem mais elevada, em vista da escassez de munição.

Esta faculdade tem as suas restrições, e embora o regulamento não as estabeleça claramente, uma conducta criteriosa e honesta não deve permittir que a mesma faculdade se exerça de modo arbitrario. Por exemplo, só se deve passar ao exercicio seguinte ás varias tentativas para a satisfação do exercicio cuja condição não foi ainda preenchida. Em caso nenhum se deverá passar adiante sem terem sido feitas tres dessas tentativas pelo menos. Toda vez que esta faculdade tiver logar, é o homem obrigado a voltar á repetição do exercicio cujo resultado foi insuficiente. Essa repetição, porém, só deve ser feita ás execuções do ultimo exercicio da classe respectiva. E' isto o que a pratica recommenda, não só tendo em vista a escripturação, como particularmente a marcha natural e progressiva da instrucção.

A passagem de classe só se verificará, satisfeitas as exigencias do n.º 58.

Ainda pôde dar-se o caso do atirador encontrar a mesma dificuldade em mais de um exercicio. O numero de estas, porém, não deve importar em mudança de criterio para a marcha dos exercícios.

Para os recrutas o regulamento foi mais severo neste ponto; não lhes permite a mesma concessão com a mesma amplitude de que poderão gozar os não recrutas, salvo se se acharem executando os exercícios principaes. Para elles e enquanto não tiverem satisfeito os exercícios prévios, esta tolerancia só pôde ter lugar dentro destes exercícios. Os recrutas, porém, ficarão nas mesmas condições dos que não o são uma vez que percam a qualidade de recrutas, isto é, depois que hajam adquirido na instrucção do tiro um treinamento suficiente.

Em seguida ao n.º 72 vêm as condições para os exercícios, ás quaes foram adicionadas as de mosquete.

Nestas condições apenas se encontra de mais importante a nota segundo a qual a cruz e o ricochete não são contados como impactos para a passagem de condições. E', como se vê, uma recommendação importante, dado o criterio uniforme que ella estabelece. Effectivamente, era muito commum na tropa recorrer a essas falhas da 1^a edição para fazer os atiradores galgarem rapidamente posições de tiro mais elevadas. Por exemplo: o exercicio n.º 5 dos tiros de 2^a classe exige: 5 impactos, 25 pontos, só um tiro abaixo de 5. Para os que se utilizavam de tais expedientes, qualquer dos resultados

9, 10, 6, ∞, 5; 8 9, +, 5, 8 satisfazia a exigencia, (*) quando não é isto o que quer o regulamento.

(Continua)

1º Tenente Barbosa Monteiro

(*) Na primeira edição 60 cartuchos.

(**) N. R. A falta de fiscalisação fez com que estes expedientes mostrassem muitos resultados brilhantes.

A Instrucção do Tiro

(Conclusão)

Supondo que o inicio da instrucção do tiro de infantaria obedecesse ás necessidades, não exageradas dum conhecimento theorico essencial á comprehensão das noções elementares de balística, vejamos como devemos proceder para obter um resultado compensador de nossos esforços. A revisão benefica das condições do tiro de instrucção tambem é suposta, pois doutro modo não achamos facil um aproveitamento pratico e até mesmo moral.

Não comprehendemos instrucção, qualquer que seja, sem progressão e graduação, quer na maneira de ministral-a quer na obtenção de seus resultados.

O homem adquirindo os conhecimentos indispensaveis á sua iniciação nos tiros de instrucção, nelles vai aprender o que terá de fazer na guerra, como atirador. Desde que conheça as noções indispensaveis para frequentar o stand, já não é mais um aprendiz *primario*, poderíamos consideral-o alli como na segunda etape do caminho para atirador de combate. Na prática do tiro de stand, dá-se como que a revisão do que aprendeu na parte *theorica*.

Uma vez conhecedor deste tiro, quer satisfazendo as condições, quer conhecendo-as com os recursos da dotação de munição, o atirador deve passar á terceira *etape*, vencendo-a através duma execução semelhante á das primeira e segunda.

Quando o R. T. estabeleceu uma serie de condições para o tiro de instrucção teve em vista, por certo, determinar o caminho a seguir para chegarmos á applicação tactica desse conhecimento indispensavel ao infante.

A transição aparece nos tiros de preparação. Nestes, o atirador de stand passa a executar além da parte propriamente tactica, a que diz respeito ao seu comportamento como atirador de campo.

Ha justificação portanto, para levarmos ao tiro de preparação os homens que não conhecem as condições dos tiros de instrucção?

Podemos dispensar da prática dos tiros de combate os que se atraçaram nos tiros preparatorios? Parece um absurdo admittirmos tal procedimento. No tiro de preparação, como passagem para o de combate, deviam tomar parte somente os que estivessem habilitados no de instrucção. E' isso difícil? Porque? Então para que exigirmos rigor numa instrucção cujo fim não é o que deveria ser? Não preparamos o soldado para o tiro de stand? Como podemos deixar de preparal-o para o de combate? Neste tiro, tem a infantaria seu meio efficaz de ação; é nelle que repousa todo o valor da arma cuja força moral se avalia pela certeza de seus fogos. Existe a opinião geral de que a infantaria na guerra não terá que fazer tiros de precisão, e a prova está na rapida instrucção dos tiros de combate, em que é commun observar-se o contentamento dos instructores quando, não obtendo bons impactos, obtêm a zona bem batida.

Este resultado não enche os olhos somente aos que dirigem a instrucção, tambem os enche aos que assistem. Pensamos que seria melhor acertar nos alvos.

O tiro de preparação em muitos corpos não parece constituir uma parte da instrucção comum, porque para a sua realização ha uma espécie de curiosidade que foge aos moldes da que deveria existir, para outra qualquer parte do ensino aos soldados. Parece que a razão explicável, está justamente na maneira quasi arbitria de sua execução, porque não obedece á progressão do ensino, indispensavel ao justo julgamento dessa prova. O R. T. não pode deixar de exigir um conhecimento prévio para a participação nesse tiro, a menos que queiramos obter bons atiradores de combate dispensando os ensinamentos do stand. Si as condições de tiro estão grupadas segundo o indispensavel crescimento de difficultades por onde se deve passar para o tiro de combate, não nos é lícito dispensal-as anullando seus effeitos como ensinamento do atirador. Infelizmente ainda é difícil a execução dessa parte da instrucção, porque os logares são *catados como agulhas em palheiro*.

Nas planícies, ha realmente difficultade para obter-se campo de tiro, mas nos lugares onde existem elevações ou morros, pensamos que seria mais facil si o tiro fosse feito de cima para baixo. O tiro inclinado, neste caso, diminuiria as probabilidades de perigo para a circumvizinhança e não aberraria das provaveis situações de combate. As posições dominantes, foram, são e serão sempre de boa escolha.

Desde que facilitassemos a maneira de executar o tiro de preparação e o levassemos a efecto como parte indispensavel á passagem do tiro de stand para o de combate, desapareceriam interpretações absurdas, quaes as de julgarem alguns instructores que nelle devem os homens repetir até as provas de pontaria e disparo.

Já vimos, nesse tiro, collocar-se o prisma para verificar as pontarias! Pois então o homem que aprendeu judiciosamente, no inicio da instrucção, todas as regras de pontaria, de disparo, etc., e passou para a categoria de atirador de 2a classe, vai na prova quasi final, ignorar o indispensavel para os preliminares exercícios de pontaria? Só mesmo a passagem forçada do soldado para essa prova, justifica semelhante conducta. Tal procedimento, por parte de quem ensina, revela falta de confiança nas provas dos exames de recruta. Uma vez habilitado o homem para tomar parte no tiro que marca a transição do stand para o combate, deve elle estar convencido de que alli se acha porque habilitou-se através de ensinamentos, cuja repetição lhe cabe já como perito e não como aprendiz. O tiro de preparação não é um tiro individual como querem alguns instructores; o regulamento esclarece bem.

Quando effectuado no stand, o que se deve sempre evitar, aparece a obrigação de executal-o por fila; mas a razão disso é mais devida a essa circunstancia do que á necessidade do ensino indispensavel, na parte do tiro. Quando o soldado chega a esse periodo do ensino, já frequentou a instrucção de companhia e ahi aprendeu a parte tactica comprehendida na ordem aberta. O tiro de preparação é o ensaio do tiro de combate da minima unidade de fogo.

O ensinamento é feito, considerando o homem como elemento dessa unidade, e o proprio R. T. chama a attenção do instructor, fazendo-lhe lembrar que o atirador tem um chefe que é o cabo

E' bem verdade que a fiscalização do offi-

cial vai aos menores detalhes; mas o fim della é observar o soldado que pela primeira vez vai agir em commun como atirador. Quando elle aprendeu o necessário para frequentar o stand, repetiu por muitas vezes o manejo da alça, o cuidadoso e consciente disparo da arma com o cartucho falso, além das rectificações diárias da pontaria por meio da borboleta; na preparação deve apenas familiarizar-se com o conhecimento do objectivo, com a disciplina e repartição de seu fogo.

Na companhia aprendeu, na ordem aberta, a utilizar o terreno, a fazer os lances rápidos, a carregar sua arma em todas as posições, a modificar a intensidade do fogo e a aproveitar as dobras do terreno não só para fugir ás visitas e ao fogo do inimigo, como também para apoiar sua arma, facilitando a pontaria. O soldado está senhor do que tem de executar; como vai agir em commun, então os cuidados do instructor bem como do cabo chefe da esquadra, completam sua aptidão para o tiro de campo.

Existe, não sabemos porque, verdadeira ogresa pelos alvos tombantes, entretanto sua falta deixa incompleto o ensinamento do atirador e dos chefes de esquadra, pelotão e companhia. A boa vontade porém, mais que manifesta, daquelles que vivem na caserna em contínuo esforço ensinando aos nossos soldados, supre, além de muitas outras, também esta falta. Ha mesmo, por parte dos que trabalham e têm vontade de ensinar, uma especie de resignação que atinge as raias da abnegação.

Assim, perfeita ou com pequenas falhas, a instrução do tiro vai desenvolvendo-se e aproximando-se de seu verdadeiro fim.

Vencido o período de preparação, não num só e scenographic exercicio, mas n'alguns, cujos resultados os justifiquem, devemos então passar ao tiro de esquadra, já verdadeiro tiro de combate, onde o homem deve encontrar dificuldades que o approximem da realidade. Os tiros de combate deveriam ser executados como as marchas e os serviços de campanha, em condições de tempo e lugar, as mais difíceis que fôr possível. Deixemos de vez, a mania dum só e atropelado exercicio de preparação bem como da applicação de trabalhos extra-regulamentares para apreciação de resultados. Quando nossos chefes o determinarem façamos uso; quando não, sigamos apenas o nosso R. T.

Não esqueçamos a parte moral na instrução do atirador de combate. Na guerra, é um elemento indispensável para vencer factores que contrariam nosso trabalho e a propria aptidão do atirador. Por isso mesmo, pensamos, que no ensino prático devemos sempre procurar elevar o valor moral do homem, facilitando-lhe os meios de vencer as dificuldades e concorrendo o mais directamente possível para convencê-lo de sua capacidade e intelligencia. Seria muitíssimo agradável para o instructor obter o maior aproveitamento possível; mas, nada justifica o mau humor ou os pretensos castigos para os menos aptos. Do mais fácil para o mais difícil, sempre foi o caminho seguido por quem ensina.

Poderíamos instituir anualmente concursos de tiro de pelotão, esquadra e companhia, com o fim de estimular os atiradores nessas provas muito mais productivas para o preparo do atirador de combate.

Estas modestas e desprenteciosas observações tem por fim, não ensinar a quem quer que seja, mas unica e exclusivamente fazer sentir que na vida diaria da caserna ha tambem o que aprendemos, vendo e sentindo os efeitos dos regulamentos.

1º Tenente *Furtado Sobrinho*.

Distribuição da Cavallaria

Longa experiência tem mostrado que não é possível manter unidades efficientes em Itaqui, S. Borja e S. Luiz Gonzaga.

A *indesejada*, isto é, a 1ª Brigada de Cavallaria, nunca pôde ser realmente organisada, apesar do continuo esforço feito nesse sentido e da admirável abnegação dos poucos officiaes que nella têm servido. Falta-lhe sempre quasi tudo.

Naquellas cidades não existem recursos sufficientes para provêr as necessidades de um regimento completo, não ha casas para alugar, os quarteis são pardieiros velhos imprestáveis, o custo da vida é elevadíssimo e ha carencia até de indispensaveis elementos de alimentação e vestuario.

Demais, parece não haver vantagem alguma em conservar na linha divisoria regimentos desorganisados, sendo certamente preferivel telos bem apparelhados mesmo longe da fronteira.

A Republica Argentina não tem tropa em Santo Thomé nem em Alvear; entretanto, nós temos em S. Borja o 6º R. C. e no Itaqui o 1º Grupo de Art.

Talvez conviesse fazer uma nova distribuição da nossa cavallaria; muito lucrariam com isso alguns dos seus corpos, notadamente o 5º, o 6º e o 4º, quando tivesse organisação.

Apenas com o intuito de provocar um melhor estudo desse assumpto, lembro algumas modificações que se poderiam fazer.

O regimento divisionario teria sua sede em Pelotas que fica a 7 horas de Bagé pela estrada de ferro e proximo de Jaguarão; ou em S. Gabriel. A 1ª brigada poderia ficar em Uruguiana, Quarahy e Alegrete, com o quartel general em Uruguiana. A 2ª em Sant'Anna, Rosario e D. Pedrito, com o quartel general em Sant'Anna. A 3ª em Bagé, S. Gabriel e Jaguarão, ou Bagé, Pelotas e Jaguarão, caso o regimento divisionario fosse para S. Gabriel, com o quartel general em Bagé ou Pelotas.

Os corpos da 1ª brigada aquartelariam: o 4º, quando organizado, em Quarahy; o 5º e 1º grupo a cavallo em Alegrete e o 6º em Uruguiana. Os da 2ª estacionariam: o 7º, quando organizado, em Rosario, o 8º em D. Pedrito e o 9º e o 2º gr. cav. em Sant'Anna. Finalmente, os da 3ª ficariam: o 10º em S. Gabriel ou Pelotas; o 11º e 3º gr. cav. em Bagé e o 12º em Jaguarão.

Para evitar grandes transportes de forças que seriam dispendiosissimos, poder-se-ia mudar convenientemente as numerações das actuaes unidades; só mudariam de parada o actual 6º que iria para Pelotas ou S. Gabriel com o numero 15º e ficaria sendo o divisionario; o actual 5º para S. Gabriel ou Pelotas com o numero 10º e o 1º grupo a cavallo para Sant'Anna com o numero 2º.

Se, porém, não se quizesse fazer as mudan-

ças de numeração propostas, dar-se-ia diferente constituição ás brigadas, a saber:

1 ^a Br.	4º Quarahy.
	8º Uruguayana.
	9º e 2º gr. Alegrete.
2 ^a Br.	7º Rosario.
	15º e 1º gr. Sant' Anna.
	10º D. Pedrito.
3 ^a Br.	5º S. Gabriel ou Pelotas.
	11º e 3º gr. Bagé.
	12º Jaguarão.

O 6º regimento seria o divisionario, em Pelotas ou S. Gabriel.

Como se vê, o resultado continuaria o mesmo, só se deslocariam o 1º gr. para Sant' Anna; o 5º para S. Gabriel ou Pelotas e o 6º para Pelotas ou S. Gabriel.

O facto de não ser Pelotas cidade fronteiriça não seria um argumento valioso contrario ao estabelecimento nella de um regimento de cavallaria, é evidente que outros corpos dessa arma residem em localidades que também não são de fronteira.

Nada se desperdiçaria deixando sem tropa Itaqui, S. Borja e S. Luiz Gonzaga porque não ha alli invernadas pertencentes ao patrimonio nacional e os edificios que servem de quartéis são verdadeiramente imprestaveis para isso.

Não haveria augmento de despesa com a construcção de novos quartéis visto como ha actualmente falta delles e o governo já pediu ao Congresso verba para construir-los. A questão se reduziria a construir em A. o que se pretendesse construir em B.

Com o transporte das tres unicas unidades que teriam de mudar de séde a despesa não seria tão grande que justificasse o abandono das enormes vantagens que adviriam da nova distribuição. Mesmo porque só o mobiliario e archivo seriam despachados por estrada de ferro, as forças marchariam por estradas de rodagem até como adextramento.

Emfim, o estado actual não deve permanecer, é imprescindivel e urgente uma modificaçao na distribuição da nossa cavallaria, sem o que o 1º Gr. Art., o 5º e 6º R. C. nunca terão existencia real e util, a despeito do sacrificio que lá está fazendo um reduzidissimo numero de officiaes, e no caso de uma invasão inimiga naquella zona serão facilmente destroçados ou retirão sob pressão para outros logares onde aguardarão reforços. E' muito mais curial que se faça já essa retirada e que se procure melhorar e conservar as vias de comunicação que dão acesso áquellas cidades.

Capitão J. Johnson.

N. da R. — Ou então que se constrúa uma especie de *villa militar* para a 1^a Brigada de Cavallaria, aquartelando-a reunida e com todos os recursos. Também concordamos que o que está não tem significação e não deve continuar.

RECONHECIMENTO DE ARTILHARIA

Do Serviço da Artilharia de Campanha pelo Major Zwenger; traducção do Capitão J. E. Pfeil.

Objecto — Instrucção dos sargentos e praças aproveitaveis, nos pontos essenciais.

Elle tem diversos fins e podemos dividir-o em primeiro lugar em reconhecimento do inimigo e no do terreno.

Para reconhecimento do terreno servem os esclarecedores os quaes entram em actividade por occasião da marcha de approximação e se recolhem por occasião da tomada de posição de fogo.

D'esse momento em diante elles podem receber pequenas incumbências como reconhecimento de caminhos para frente, para retaguarda ou ainda de determinados trechos de terreno.

O reconhecimento do inimigo tem, de varios modos, lugar durante a marcha de approximação por meio de patrulhas de artilharia.

Si a bateria ocupou posição temos a considerar: segurança dos flancos por esclarecedores lateraes, reconhecimento do objectivo tanto por officiaes, sargentos ou praças munidos de binoculos, como tambem mediante patrulhas montadas expedidas para frente; estas ultimas têm em regra de exercer ainda uma outra especie de esclarecimento, informando para a retaguarda o estado da luta de infantaria.

Tomemos o exemplo de uma Divisão em marcha de approximação, do norte para D passando por C (*)

a) Patrulha de Artilharia

(Art. 428 e 429 do R. E. A. e annexo II a pag. 187)

Em regra uma patrulha de artilharia compõe-se de um official e dois ou tres cavalleiros. Na falta de officiaes tambem sargentos conduzem patrulha; cada homem deve estar ao corrente da missão afim de poder concorrer para seu exito.

A patrulha de artilharia será expedida com a antecedencia que o commandante da art. julgar necessaria (433 R. S. C.).

Supponhamos que ella avançou antes da Divisão ter alcançado A.

Que se sabe do inimigo? (239 R. S. C.)

Que elle está em marcha de approximação aquem de I.

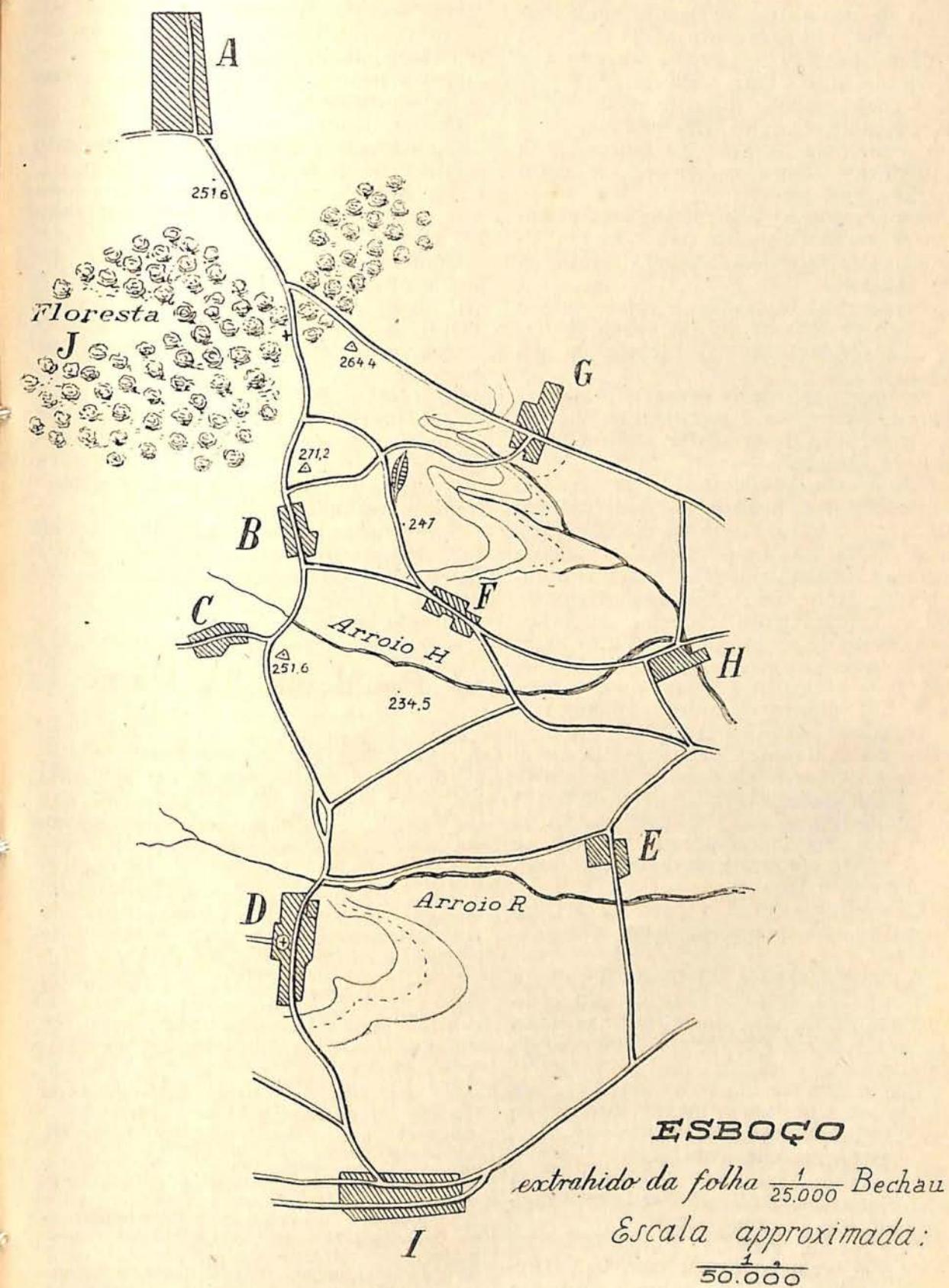
Que caminho tomará, a vista disso, a patrulha ao deixar A?

Seguirá pela estrada ou pelas alturas? (241 R. S. C.)

Subirá tambem de tempos em tempos

(*) Ao extrahir um esboço da carta de Bechau o traductor substituiu, para simplificar e generalizar, os nomes proprios por letras.

Todos os regulamentos citados na traducção são do Exercito Brasileiro.



pelas elevações ao norte da Floresta? Porque não é isso necessário? (234 R. S. C.)

Como procede a patrulha quando ella deixa ao sul da cruz a Floresta?

O chefe sahirá primeiramente só e subirá cautelosamente, desenfiado para o sul, a proxima elevação; os outros cavaleiros ficam abrigados, mantendo-se porém a falla com aquelle.

Agora regressa pela estrada uma patrulha de cavallaria amiga com uma participação. Que valor tem isso para a patrulha de artilharia?

A patrulha de cavallaria refere que o inimigo se acha ao sul do arroio R.

Que resolução toma o chefe da patrulha?

De que depende o dever elle mandar para a retaguarda a participação que lhe fez a patrulha de cavallaria sobre a situação do inimigo?

Elle precisa ponderar si a participação chegará por si também ao commandante da art. o que neste caso presente é certo.

Não regressasse a patrulha de ca allaria para a columna de marcha, com sua participação, isto é, tivesse ella ainda a missão de ir a um centro collector de informações ou de se dirigir a um outro lugar então haveria conveniencia da patrulha de artilharia participar também para a retaguarda a informação sobre o inimigo.

Na composição da participação é preciso levar em conta que a referida noticia não é de observação propria, porém obtida de uma patrulha de cavallaria (114 R. S. C.)

Muitas vezes uma tal participação já tem sua importancia porque por ella se pôde saber d'onde se deve esperar principalmente o inimigo.

Como regra geral a patr. de art. só participa para retaguarda o que ella mesma viu.

A patrulha avança, ultrapassa B e chega á altura 251,6 a leste de C; seu commandante procura obter notícias mais novas da marcha de accesso e situação do inimigo.

Elle avista na direcção da torre da igreja de D uma longa nuvem de pó, a qual avança lentamente.

Que conclue elle d'ahi?

Depois de algum tempo torna-se bem visivel uma nuvem de pó que avança rapidamente de D para leste.

Que conclue mais?

Que se vem confirmar com o apparecimento de cavaleiros sobre a elevação

243,6 a leste da torre da igreja de D?

Em vez de grupos de cavaleiros elle vê talvez ainda pessoas isoladas que sobresahem a meio corpo. O leva isso a uma outra conclusão?

Que se deduz?

Quando envia o chefe da patrulha uma participação para retaguarda (248 e 249 R. S. C.)?

E como deve ella ser redigida (252 e 253 R. S. C.)?

Contenta-se elle sómente com o que poude observar na altura 251,6 sobre a art. inimiga (433 — 7a e 8a linha — e 245 R. S. C.)?

Que caminho toma para tentar um golpe de vista no flanco da artilharia inimiga (246 e 247 R. S. C.)?

Que precisa a artilharia amiga saber antes de tudo para obter suficiente efficacia?

Nossa artilharia tomou posição e abriu fogo contra a inimiga.

Sobre que lança a patrulha de art. sua attenção durante a luta de artilharia e que participação faz para retaguarda (434 R. S. C.)?

(Continua)

O Problema da Remonta

Dos problemas que interessam á cavallaria dois sobresahem pela sua importancia — o dos effectivos e o da remonta. Ao primeiro estão ligadas as questões do tempo de serviço na fileira e do numero de incorporações annuas, que, sabe-se, ainda não encontraram soluções que correspondam ás necessidades da preparação efficiente para a guerra. Os interesses em contrario da sociedade e, certamente também, a conveniencia de dar ao sorteio uma feição que, tornando menos penoso o serviço militar, o fizesse mais aceitável pelo povo, têm retardado a adopção de uma formula definitiva.

Com o caso da remonta, é forçoso confessar — já devíamos ter avançado mais. Pôde-se dizer que a este respeito, á parte algumas tentativas sem continuidade da Coudelaria de Saycan, estamos hoje no mesmo pé que ha 11 annos, quando foi experimentada pela primeira vez a remonta nacional. Compram-se cavallos como se compra um artigo qualquer de uso commun. Tornada imperiosa a necessidade e não sendo mais possível adiar a aquisição, improvisam-se comissões e fixam-se os preços médios; e com mais algumas providencias para a Directoria de Contabilidade, pensa-se ter resolvido a questão. Geralmente, por ser a Coudelaria de Saycan o unico estabelecimento criador do Exercito e lá existir um deposito de remonta, precede uma tentativa de se attribuir ao seu director a incumbencia do fornecimento da cavallada. E como aquelle estabelecimento nunca

está, porque não pôde estar, em condições de fazer a remonta do Exército, pôe-se elle próprio a comprar aos criadores e intermediários. E assim, sem que ninguém queira confessar, fica patente a sua inutilidade...

Para a tropa o resultado disto é a incorporação irregularmente feita de uns animais de remonta de vários tipos, dentre os quais velhos cargueiros abandonados nas estâncias, com 15 e mais anos de idade, outros de estaturas fóra completamente dos limites estabelecidos nos regulamentos e alguns mesmo com defeitos de conformação que os impossibilitam para o serviço militar. Consequência: poucos anos depois estão os commandantes de esquadrão e bateria pedindo comissão de exame para estes animais, que em leilão são vendidos a preços ridículos. E gasta-se assim, servindo mal á tropa, muito mais do que se gastaria com uma bona remonta, adquirida de modo regular, preestabelecido em um regulamento e que prenchesse todas as condições para o serviço militar, inclusivo o do tempo de duração, tão desprezado entre nós.

O Sr. General Setembrino de Carvalho, quando Director da Administração da Guerra, com o zelo que lhe é peculiar pelo serviço público, principalmente na parte que está dentro das suas atribuições, fez elaborar naquella repartição um projecto de regulamento de remonta que foi apresentado á consideração do Ministro da Guerra. Não sabemos qual o destino que tenha tomado aquele trabalho, nem o motivo por que não foi ainda resolvido o assunto. Os males que este estado de cousas têm produzido para as nossas tropas montadas, estavam, porém, reclamando uma solução mais prompta para o problema.

Se naquella época (já lá se vão 3 anos) tivessemos regulamentado a aquisição da remonta, comprando, como alli se propunha, animais de 4 a 5 anos na razão de 10% do efectivo exigido para a cavallada em serviço (estimada em 12,000 em tempo normal), teríamos feito passar pelos 3 depósitos de remonta, cuja criação foi também pedida, cerca de 1.200 cavalos, éguas e muares, anualmente. E assim já teria sido entregue á tropa, até Janeiro do corrente anno, um total de animais perfazendo a bella cifra de 2.400, ficando ainda 1.200 em depósito. Accrescente-se a isto a vantagem económica; pois a compra fazendo-se methodicamente, a escolha podendo ser demorada e para suprir necessidades ainda não prementes, os preços conseguidos seriam bastante baixos para o futuro. No segundo anno, sabendo os criadores, desde o anno anterior, o numero e as condições dos animais para a remonta, e assim, cada vez mais, regulada e preestabelecida sua aquisição e normalizado o abastecimento, chegaríamos a fixar o valor médio dos vários tipos exigidos para os mistérios militares. Garantiâ-se, de um lado, os interesses do Exército, que passava a encontrar sempre animais de acordo com as exigências do serviço militar e a preços razoáveis e estaveis; e, de outro lado, abria-se ao commercio de équideos e muares, um campo seguro de operações, em que os criadores teriam sempre collocação compensadora para os seus produtos. Parece não haver problema cuja solução satisfaça tão plenamente os interesses das duas partes em jogo.

O problema da remonta apresenta tres aspectos distintos, mas que se relacionam, cada um delles correspondendo a uma das fases por que o serviço de fornecimento de animais deve passar: *acquisição ou compra, conservação em depósito e distribuição á tropa.*

a) *Acquisição dos animais*

Segundo se adopta o *regimen das massas* ou dos *fornecimentos*, a aquisição dos animais para a remonta faz-se de dois modos. No primeiro são as diferentes unidades de tropa, quartéis-generais e estabelecimentos militares que adquirem os animais necessários aos seus serviços, dispondo para isso dos quantitativos em dinheiro atribuídos aos seus conselhos administrativos. E' o *regimen da compra directa, da descentralização dos serviços*.

O bom resultado que este sistema tem dado para certos abastecimentos, pela iniciativa que deixa ás administrações inferiores no modo de proverem as suas proprias necessidades, como tambem pelo facto de espalharem a procura pelo territorio do paiz, o que torna mais facil a escolha e evita recair todo o fornecimento nas mãos de poucos negociantes, não foi alcançado quando tentado para a remonta. Na França, um pequeno ensaio fez pô-lo de parte imediatamente. Do zelo com que os commandantes de unidades procuravam os melhores animais para as suas tropas, resultava sempre, mesmo sem o quererem, uma concorrência entre elles e o consequente aumento de preços. Por outro lado, a uniformidade dos tipos para os diferentes mistérios (sella, tracção e carga) ameaçou desaparecer; e mesmo na cavallaria, já se notava em algumas brigadas desuniformidade nas estâncias.

Entre nós mais um argumento existe contra o *regimen das massas* applicado ao serviço de remonta. A extensão do territorio nacional e o afastamento de certas unidades montadas das zonas criadoras, seriam impecilhos para as compras directas pelos respectivos conselhos administrativos. Para evitar a intromissão de intermediários, sempre prejudiciais aos interesses do Estado, seria preciso enviar comissões de compras em longas viagens, com prejuízo certamente de outros serviços.

Conclue-se por estas considerações, que o sistema de abastecimento de animais que se deve praticar é o dos *fornecimentos*, que consiste, de um modo geral, em fazer a alta administração do Exército as aquisições e fornecer ás unidades de tropa, quartéis-generais, etc., conforme as suas necessidades. Aqui é a centralização dos serviços, para a qual é preciso que a alta administração disponha integralmente das verbas para as compras. Caracterisa-se, pois, este sistema pela não distribuição das dotações orçamentarias ás administrações inferiores e pela contingência de haver em depósito um *stock* de material para os fornecimentos.

Aplicado ao serviço de remonta, o *regimen dos fornecimentos* importa, portanto, na existencia de depósitos de animais destinados á remonta. Assim como para os serviços de fardamento, equipamento, etc., que são tambem serviços administrativos, a alta administração dispõe dos depósitos da Intendencia da Guerra, assim tambem para o serviço de remonta deve dispôr dos depósitos respectivos. E pela mesma razão por que para aquelles fornecimentos é o Con-

selho de Compras da Intendencia que faz as aquisições, para o de animaes deve haver comissões permanentes de remonta, dependentes dos depositos.

Chegamos assim a concluir pela necessidade da criação dos depositos de remonta e da constituição permanente de comissões de remonta. O numero e a localização dos depositos fica dependendo, de uma parte, da distribuição das tropas pelo territorio nacional, e de outra, da maior facilidade de comunicações desse depositos com as zonas criadoras, nas quaes devem ficar de preferencia. Sendo 5 as divisões de exercito com organização em tempo de paz, a cada uma das quaes corresponde, quando mobilisada, um deposito de remonta movel, 5 deveriam ser os depositos fixos de paz, que para a guerra forneceriam os elementos necessarios á formação daquelles. Razões economicas e mesmo a circunstancia de nem todas as divisões terem ainda organização effectiva, parece que aconselham começar pela criação de tres depositos sómente — um no Rio Grande do Sul, abastecendo a 3ª divisão; um em São Paulo, abastecendo as 2ª e 1ª divisões; e, finalmente, um em Minas, abastecendo a 4ª divisão. A cada deposito de remonta corresponderia uma zona de remonta, comprehendendo a porção de territorio onde a comissão respectiva poderia fazer as suas compras.

A' testa de todo o serviço, para imprimir-lhe unidade de vistos e centralizar as relações com as autoridades superiores, fazendo a distribuição dos recursos pelos depositos e de acordo com estes recursos fixar para cada anno a quantidade de animaes que a cada um tocaria adquirir, deveria existir o Inspector de Remonta, subordinado, como o Intendente da Guerra, ao Director de Administração. E assim desappareceria daquella Directoria a sua 3ª Divisão, cuja razão de ser, alli enquistada, ainda não foi comprehendida.

Está visto que desta organização do serviço excluimos a Coudelaria de Saycan, que já devia ter passado para o Ministério da Agricultura, onde ficaria mais condizente com o fim a que se destina e certamente daria melhores resultados, uma vez que fosse collocado á sua frente um technic que se dedicasse exclusivamente ao assumpto. Assim, da forma por que está organizada, passando de cada 3 ou 4 annos ás mãos de um novo director, que substitue, por sua vez, os officiaes auxiliares, não é possível produzir os fructos desejados, por maior que seja a dedicação do pessoal em serviço. Não ha continuidade de direcção e não ha da parte deste pessoal a necessaria experiência que os serviços de um estabelecimento agricola reclamam.

As compras de animaes, feitas na razão de 10 % dos effectivos em equídeos e muares das unidades a abastecer, seriam precedidas de comunicados dos comissões ás municipalidades de sua zona de remonta, nos quaes ellas dariam a conhecer a quantidade de cavallos, egus e muares a comprar. Um mez, ou 15 dias depois de expedidos estes comunicados, a comissão faria uma viagem de inspecção, para fixar o seu itinerario. Annunciado este e já conhecendo as condições a satisfazer pelos animaes e os preços médios para cada typo, ficavam os criadores orientados para suas offertas. Nada

mais restava para ultimar a compra, que a comissão fizesse uma segunda viagem para examinar os productos, seguindo o itinerario previamente traçado.

A época melhor para a compra de animaes no Brazil sendo a dos meses de Outubro a Março, seria neste ultimo que todo o trabalho deveria estar prompto.

Quando, por circunstancias qualesquer, um deposito não estivesse provido da quantidade de animaes para o abastecimento que lhe competisse, o Inspector de remonta organisaria comissões especiaes de remonta, para comprarem o que fosse necessário ao completo dos efectivos. As condições destas compras seriam forçosamente diferentes das anteriores.

b) Conservação dos animaes nos depositos.

Os depositos de remonta, segundo esta organização do serviço, seriam estabelecimentos destinados exclusivamente á guarda e tratamento dos animaes adquiridos. Comprados nas idades de 4 a 5 annos os cavallos e egus, e 3 a 4 os muares, antes de terem recebido qualquer doma, ficariam internados nos depositos durante um anno, com o fim de ganharem desenvolvimento por um trabalho racional e moderado e se habituarem ao regimen militar. Os animaes cavallares destinados ás armas montadas, seriam classificados nos depositos, segundo os typos, em animaes de sella e animaes de tracção, e não sofreriam ahi trabalho algum de adextramento; tudo se limitava ao trato de estribaria e á chamada doma de baixo.

Assim os commandantes de esquadrão e bateria receberiam em seus regimentos animaes ainda chucros, por cujo adextramento ficavam responsáveis. As vantagens que provêm deste sistema são facéis de reconhecer e podem ser assim enumeradas: não se torna necessário dotar os depositos ao pessoal encarregado da doma, o que barateia o serviço; começa-se a doma nunca antes dos 5 annos de idade, diminuindo-se assim as probabilidades da produção de tarares; os commandantes de esquadrão e bateria, ficando incumbidos do preparo da remonta que recebem, terão mais um ramo de conhecimentos em que poderão mostrar capacidade profissional, e, recebendo os animaes sãos, ficarão á prova os seus cuidados em fazel-los ultrapassar o tempo de duração; finalmente, preparem-se na tropa cavalleiros de élite pelo habito de trabalharem animaes de remonta.

Os depositos, perdendo a feição de coudelarias e de escola de doma, terão os seus serviços simplificados e poderão incumbir-se, com vantagem, do cultivo de plantas forrageiras, com o fim de fornecimento ás diferentes unidades de tropa, mediante indemnisação.

Para o tratamento os animaes seriam grupados em lotes de 40 a 50, separados em potrões cercados, e cada lote atribuído a uma turma de peões — tratadores. O serviço consistiria nos curativos das enfermidades comuns em animaes soltos no campo, reunir duas ou mais vezes por dia para a distribuição de forragem e uma vez por semana, pelo menos, limpeza com rascadeira e escova. No mais, os depositos disporiam de abrigos para a cavallada á noite e de pistas (corredores) para exercícios diários, em que os lotes de animaes seriam tocados pelos seus tratadores.

c) *Distribuição dos animaes á tropa*

Para regularizar o fornecimento dos animaes, a Inspectoria de Remonta receberia das unidades, quarteis-generaes, etc., os mappas annuas da cavallada, nos quaes viriam discriminados os effectivos em bom estado, a quantidade a ser transferida para outros serviços e a dos impres-taveis, para serem vendidos em hasta publica. Autorisadas pelo Inspector as vendas em leilão e as transferencias dos animaes, conforme os pareceres das *comissões de exame*, que deviam se reunir sempre antes das manobras, a Inspectoria deduzia, para cada unidade, o numero de equideos e muares que lhe deveriam ser fornecidos pelo deposito de remonta respectivo, organisando, para cada um delles, um mappa de remonta.

Recebida a ordem de fornecimento, os depositos preparavam os *lotes de remonta* e fariam as communicações ás unidades, quarteis-generaes, etc., interessados, que deveriam enviar ao deposito um official com o pessoal necessário para receber e transportar os animaes. E' mais uma forma capaz de aliviar os serviços dos depositos, de modo a lhes reduzir o pessoal empregado, tornando-os menos dispendiosos.

Todas estas providencias devem ser tomadas, de sorte que ao voltar a tropa das manobras encontre a comunicação do deposito de remonta para o recebimento dos animaes. Será por esta época tambem que terão lugar o leilão de animaes inserviveis e as transferencias dos que devam ser aproveitados em outros serviços. Assim, ao começar o novo anno de instrucção, todas as substituições estarão feitas e terá inicio no primeiro periodo o trabalho de adextramento das remontas.

No caso em que a quantidade de animaes de um deposito seja insufficiente para o fornecimento que lhe compete, a *comissão especial de remonta* nomeada fará a compra dos que se tornam necessarios para completar os effectivos, fornecendo directamente a cada unidade o que lhe tocar. Estes animaes deveriam ser de 6 a 8 annos os cavallos e leguas, e de 5 a 7 os muares, domados e satisfazendo quanto á conformação, as mesmas condições dos provenientes dos depositos. Este ultimo processo seria o adoptado de preferencia para a remonta dos corpos de infantaria, quando ella não pudesse ser feita exclusivamente por transferencias de animaes em serviço na cavallaria e artilharia. Delineadas as questões de detalhes e organisado o serviço de remonta dentro destes moldes, num trienio a *crise de cavallos* desapareceria. E todos os annos as unidades montadas receberiam, com a incorporação dos recrutas, os novos cavallos, começando com a instrucção individual daquelles os trabalhos de adextramento destes, feitos em cada esquadrão e bateria pelos seus melhores cavalleiros sob a direcção immediata do capitão. E assim ficava resolvido de vez o problema da remonta e com elle a mais importante questão da preparação da tropa montada.

Cap. Euclides Figueiredo

O não recebimento da revista é geralmente culpa do assignante, porque ella não se faz sinal para ser distribuida.

Não demorar a comunicação de mudança de destino, nem retardar reclamação.

Pela Equitação Militar

Campeonato do cavallo d'armas

Jornaes desta capital publicaram em fins de outubro ultimo as instruções para um campeonato annual do cavallo d'armas, a consistir em tres provas: equitação corrente, percurso de campanha, percurso de obstaculos.

São notorias as vantagens de semelhante artificio, estimulador da applicação ao hippismo em todos os seus aspectos de utilidade militar.

O simples enunciado das provas revela que a preparação dos concurrentes implicará escolha de cavallos, pôrā portanto em fóco o problema de nossa remonta, repercutindo sobre a criação cavallar nacional; determinará em seguida um largo cultivo da equitação em seu triplice aspecto — preparo do cavalleiro militar e da sua montada, emprego desse conjugado —, e exigirá um acurado treinamento de cavallos e cavalleiros, donde o respectivo desenvolvimento da capacidade physica, formando por fim o *cavallo d'armas* — que outra coisa não é sinão o cavallo militarmente prompto — e o *cavalleiro de campanha*.

Assim, não ha regatear aplausos aos iniciadores de semelhante instituição e é de desejar aos organisadores do programma que alcancem o legitimo premio maximo a que sem duvida aspiram: o coroamento de seus esforços e bôa vontade pela affluencia numerosa das inscrições e contentamento dos concurrentes.

*
Pela natureza e destinação de taes concursos vê-se que elles devem ser tidos como fracassados desde que não despertem o gosto pelo genero de trabalho de que são objecto, desde que o numero de concurrentes não seja grande. Por exemplo, uma prova de equitação elemen-tar em que se inscrevam apenas dois ou tres candidatos, como sucedeu em dois casos no concurso da Prefeitura do D. F. a 11 de outubro p. p., não deveria realizar-se, pois ficava evidente que ella não attingira seu verdadeiro objectivo, que era provocar a applicação razoavelmente generalizada aos trabalhos sobre que versava.

Ora, no campeonato do cavallo d'armas, que no Brazil se realizará unicamente em sua capital, necessário é que a elle concorram representantes de todas as regiões.

O incentivo a produzir pelas respectivas provas não deve ficar adstricto aos cavalleiros da Capital Federal, e pontos mais proximos, deve correr todos os recantos do paiz, onde haja tropa montada. E infelizmente isso não poderá ter lugar si o campeonato de

1919 se fizér ainda este anno, como está marcado. Os officiaes das guarnições longinquas, desejosos de concorrer, receberão a noticia á ultima hora, ás vesperas de terem que partir para cá, portanto, sem tempo de se prepararem a si e a seus cavallos e principalmente sem tempo destes aqui se refazarem após penoso transporte.

O Club Militar, que delegou poderes á comissão organisadora, não corresponderá aos desejos dos associados que lhe solicitaram assumisse o patronato do certamen, se permitir que o deste anno assim se realisse, com a exclusão prévia inevitável das regiões distantes. Ou será uma crueldade, uma falta de camaradagem até, dos officiaes do Rio em relação aos das guarnições provincianas.

Accresce ainda: para os candidatos mesmo do Rio de Janeiro a data fixada, dezembro proximo, tem inconvenientes muitos que resaltam ao mais ligeiro exame.

Essa época é impropria acima de tudo pela força do calor. Não será só a questão dos dias da prova, ou particularmente do percurso de campanha — 100 km, a realizar em dois dias seguidos, num total de 9 a 10 horas — será a do treinamento correspondente.

Depois ha que considerar a estreiteza de tempo para a preparação dos candidatos e, como já dissemos, o trabalho dessa preparação não deve ser sacrificado, pois é nesse que reside a utilidade maxima do campeonato. Provavelmente o atraso na publicação do programma foi devido a ter sido tardia a delegação de poderes á comissão organisadora, como tambem por sua parte o Club Militar não terá recebido bastante cedo a respectiva solicitação. Porém nada impede que o campeonato de 1919 se realisse em começo de 1920, digamos em abril. Nesse mez approxima-se o termo do periodo de recrutas, e e neste que os officiaes podem com maior vagar e propriedade cuidar dos trabalhos individuaes de equitação, sem as perturbações inherentes aos exercícios de conjunto dos periodos seguintes, os quaes agora justamente estão culminando com as manobras. Haveria tambem a vantagem de ser o treinamento aproveitado para o concurso paulistano de maio, e sustentado para o campeonato de 1920, a realizar-se em agosto.

Oxalá o campeonato de 1919 evite esse obstáculo inicial da data impropria, a qual mantida determinaria lamentaveis refugos, certamente inatribuiveis á equitação militar nacional.

Elogios Um acto recente do Snr. Ministro da Marinha pôz novamente em fóco a questão dos elogios — os élos d'ouro, com que os officiaes de terra ou mar ligam os serviços, estabelecendo a continuidade da sua historia.

E' indubitável que o cumprimento do dever constitue o plano de referencia para os elogios e para as punições. Feliz de quem paira sobre tão bello plano ou sobre elle se alça!

Mas, não fossem as dificuldades que cercam esse cumprimento do dever e o numero relativamente grande dos que, por motivos diversos, não conseguem cumpli-lo, e a falta de contraste eliminaria todo o encanto, toda a beleza, desse quasi limite tão almejado...

Desde que os elogios destaquem, unicamente, os serviços excepcionaes e que as punições, os incidentes da vida ou mesmo providencias educativas, appareçam sempre, na sua oportunidade, separando aquelles que não quizeram ou não puderam cumplir os seus deveres, muito digna será a folha branca que assignalar, sómente, as mudanças de situação do official.

Em quanto porém, neste Brazil tão querido para os actos faceis, houver dificuldade para distinguir quem cumpre os seus deveres de quem não os cumpre, os elogios só por actos excepcionaes, occasionarão uma confusão injusta e inconveniente porque não só farão diminuir o estímulo, mas eliminarão os meios correntes para estabelecer a selecção.

Longe estamos de patrocinar a instituição dos elogios graciosos ou pueris.

Contra esses já nos manifestamos diversas vezes e tambem já se manifestaram as autoridades da Guerra, entretanto elles foram apenas reduzidos e dia a dia vao sendo melhor fundamentados.

As dificuldades da eliminação desse quasi hábito quando o meio sente que elle não é necessário, faz-nos pensar nas circunstancias que concorrem para uma tal persistencia.

E' que talvez ainda não estejamos inteiramente preparados para entrar num regimen de perfeição relativa.

A extinção dos elogios por cumprimento de dever accarreta a extinção da tolerancia com aquelles que não os cumprem. Sem ter armazenado as energias para este procedimento não convém silenciar sobre os que cumprem os seus deveres.

Ainda nos convém distinguil-os e exaltal-os, ao menos registando este supremo elogio:

Cumpriu seu dever.